

DOSSIÊ

A RECEPÇÃO DE LUKÁCS NO BRASIL

ONTOLOGIA, TRABALHO E HISTÓRIA: A RECEPÇÃO DE GEORG LUKÁCS

NO BRASIL

ENTREVISTA

PROFESSOR APOSENTADO DO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, SERGIO LESSA TEM DIVERSAS PUBLICAÇÕES E ESTUDOS SOBRE A *ONTOLOGIA*, ALÉM DE OUTROS TEMAS DA FILOSOFIA E DA POLÍTICA QUE ELE ABORDA PELO VIÉS ONTOLÓGICO. TRATA-SE DE UMA DAS GRANDES REFERÊNCIAS NO ASSUNTO. PARTICIPOU DA FUNDAÇÃO DO INSTITUTO LUKÁCS EM 2012 E, APÓS TER SE DESFILIADO, AJUDOU A FUNDAR EM 2015 O COLETIVO VEREDAS, NO QUAL ATUA DESDE ENTÃO. FOI MEMBRO DA COMISSÃO EDITORIAL DA REVISTA *CRÍTICA MARXISTA*. DESDE 2014, TEM SE DEDICADO A UMA MINUCIOSA TRADUÇÃO DE *PARA UMA ONTOLOGIA DO SER SOCIAL*, QUE SE ENCONTRA ATUALMENTE NA PREPARAÇÃO DA 2ª EDIÇÃO PELA EDITORA COLETIVO VEREDAS.

* A ENTREVISTA COM LESSA, TRANSCRITA AQUI NA ÍNTEGRA, FOI REALIZADA EM ABRIL DE 2024 POR VIDEOCHAMADA E DUROU POR VOLTA DE 3 HORAS. DELA PARTICIPARAM DOUGLAS EDUARDO, JULIA FERREIRA, PATRICIA TORRIGLIA E PAULA ALVES. EM COMUM ACORDO COM O ENTREVISTADO, OPTOU-SE POR MANTER O TOM COLOQUIAL DA CONVERSA.

Anuário Lukács:

Como você se interessou por Lukács? Qual foi o seu primeiro contato e em que circunstâncias ele se deu (tanto, se você quiser falar, do momento de sua vida, como também circunstâncias mais gerais, como fatos históricos e circunstâncias políticas em que esse seu primeiro contato com o Lukács aconteceu)?

Sergio Lessa:

Veja, a primeira vez que eu ouvi falar que tinha um cara chamado Lukács, e que era um cara importante e tal, foi quando eu entrei na USP, em 1976, para fazer filosofia. Quando cheguei lá, estavam naquele processo de reconstrução dos centros acadêmicos, em seguida dos DCEs. Já era aquele processo de retomada do movimento estudantil. Tinha um trotskista, que hoje é um cara famoso, um *gourmet* da Folha de São Paulo e que escreve sobre comida, o Josival Melo. Ele foi o primeiro cara que eu vi com um texto do Lukács na mão, aquele ensaio “Narrar ou descrever”, uma tradução que eles tinham impresso em mimeógrafo. Foi a primeira vez, mas eu não tinha a menor ideia de quem era Lukács. Era aquele momento logo depois da morte do Herzog, do Manuel Fiel Filho, das primeiras manifestações públicas dentro da Catedral da Sé contra ditadura, aquele clima.

Logo em seguida abandonei a universidade e fui para o movimento popular, fui morar na zona leste de São Paulo, fui estudar outras coisas: Lênin, Trotsky, crise do movimento comunista, outras coisas. E depois, quando foi no comecinho dos anos 1980, mais ou menos entre 1979 e 1980 e pouquinho, começou uma crise no movimento popular. O movimento cresceu muito rapidamente e aí ele começou a estagnar, a estagnar. Não entendemos o que estava acontecendo. Quando chegou nas eleições de 1982, foi uma loucura, a gente perdeu tudo para burguesia. O que tinha de movimento popular organizado na época, ou votou no Maluf, ou votou no candidato do PMDB. A gente perdeu tudo, foi uma loucura, tanto a zona sul, quanto a zona leste – que era onde tinha base popular, que era nos bairros operários. E aí, na minha cabeça, por já ter lido Claudin e Semprún, já tinha a ideia de que o movimento comunista vivia uma crise séria e que a coisa não era meramente uma questão de tática pontual, né? Entrou na minha cabeça a ideia de que, para a gente entender o século XX, a gente tinha que entender o que tinha acontecido com a Revolução Russa. Então eu resolvi estudar profundamente a Revolução Russa... E estudar a Revolução Russa – falando assim, hoje, a gente dá risada, mas naquela época foi sério – significava para mim ter na cabeça todos os fatos históricos de todos os dias da Revolução Russa. Então eu comprei um arquivo daqueles de metal, usado, sabe, de pasta suspensa, aquele com quatro gavetas, e eu fui colocando primeiro de janeiro, dois, três, quatro, cinco, seis... Cada dia tinha uma pasta e eu colocava os fatos organizados. Era uma loucura, né? Três ou quatro anos depois, eu tinha uma quantidade maluca de fatos.

Nesse meio tempo, nasceu o Andrezinho, nosso filho. Veio 1982, a crise do movimento popular, eu estava ligado ao PC do B nessa época, saí do PC do B... E todo mundo próximo da gente se desligou do partido, foi uma quebra geral, né? Eu cheguei à conclusão de que não dava para estudar em São Paulo, porque tinha movimento operário, tinha muita cobrança e estávamos sem grana, o Andrezinho tinha muito problema de bronquite e a gente decidiu se mudar. E a ideia acabou sendo a gente se mudar para João Pessoa. Nesse processo – olha a loucura, só para vocês verem como cheguei no Lukács –, alguém, que eu não me lembro quem foi, disse para nós que havia um grupo político em São Paulo que dizia que não tinha uma teoria leninista, mas uma teoria *leniniana* e que o pessoal era muito legal. Lá fui eu, bati na casa do Rago e da Cida, que eu nem sabia quem eram. “*Toc-toc-toc*, meu nome é Sérgio, eu sou militante, etc., etc., me disseram que vocês têm uma teoria *leniniana*. Eu queria conhecer o que é”. Vocês imaginam, né? Eu imagino que devem ter dado muita risada, mas me levaram a sério e foram extremamente

gentis, não riram na minha cara. E a partir daí os caras falaram que de fato havia, e então disseram de um cara chamado Chasin, que eu nunca tinha ouvido falar na minha vida. A gente já estava de mudança para Paraíba e o Chasin estava por lá, então foi mero acaso. Aí eu cheguei na Paraíba e depois da mudança, o Chasin me chamou para jantar na casa deles com a Ester. E aí no jantar, o Chasin me fez contar a história que havia me levado até lá. Enquanto eu contava, eles trocavam alguns olhares entre eles, assim: “é claro, que ingenuidade do cara, né?”. Quando terminou a conversa, o Chasin me levou para o escritório dele, que era uma sala enorme com milhares de livros. E aí ele falou para mim que o problema era que não havia como entender a Revolução Russa de fato em fato, sem ter uma teoria sobre como a sociedade funciona para poder “concatenar os fatos”. Então ele me disse que havia um sujeito chamado Lukács, que escreveu um livro que tem um capítulo chamado “A Reprodução” e sugeriu que eu estudasse esse texto em um mestrado, para eu ser capaz de continuar minha investigação sobre a Revolução Russa. A essa altura eu tinha largado a universidade, não tinha feito nem um ano e meio de graduação e havia abandonado a USP, não tinha a menor ideia de voltar para a universidade. Mas, enfim, aí o Chasin me entusiasmou e eu acabei fazendo vestibular, entrei na universidade e fiz a graduação em Filosofia. E nesse processo, foi que pela primeira vez que eu ouvi falar de Lukács para valer. Um cara sério que escreveu a *Ontologia*.

Imagina a ontologia para mim. Eu nunca tinha ouvido falar a palavra, né? Aí nesse processo, aconteceu uma briga nacional para tirar da Anpof (Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia) os caras que apoiavam a ditadura. O Chasin participou de uma articulação em que entrou desde “heideggerianos democráticos” (algo que só tem no Brasil, né?), até trotskistas, Denis Rosenfield, etc. Foi feito uma “frentona” para tirar os caras que apoiavam a ditadura, esse pessoal todo. Eles saem e, nessa articulação, o Chasin negocia para ele e a Ester serem transferidos da Paraíba para Minas Gerais. A Ester termina o mestrado dela rapidinho, sai a contratação deles e eles vão para Minas. E aí, no ano seguinte, eu terminei a minha graduação. Meu TCC foi meu primeiro estudo sério sobre Lukács, a monografia trata sobre dois ou três parágrafos do capítulo do Hegel na *Ontologia* (uma parte do texto de umas três a cinco páginas), em que o Lukács faz uma discussão sobre a categoria da negação em Hegel e em Engels, e foi a primeira vez que eu estudei para valer, que eu peguei o texto, li... Já estava aprendendo a fazer leitura imanente com o Chasin, fazendo aquela coisa de pegar linha por linha, parágrafo por parágrafo e tal.

Então eu fiz a seleção do mestrado, entrei no mestrado e fui para Minas. Naquela época o mestrado tinha uma bolsa de quatro anos e doutorado de cinco anos. Então, eu vou para lá com uma bolsa de mestrado de 4 anos, né? O André e a Cristina ficaram na Paraíba, porque a gente não tinha dinheiro para todo mundo; naquela época bolsa de mestrado era equivalente a R\$600,00, R\$500,00 de hoje em dia, mal pagava o aluguel. Era uma coisa assim: fui morar numa pensão caindo aos pedaços, que tinha barata que não acabava mais, era uma loucura as condições de vida, né? Comia muito mal, tinha dinheiro para uma refeição por dia e um ou dois lanchinhos, uma coisa assim. Foi uma fase muito dura da vida, mas foi um prazer enorme. Cheguei lá, para estudar o capítulo d’A Reprodução. O Chasin entregou um xerox da tradução em italiano e falou, “ó, tá aqui”. Eu falei: “mas eu não leio em italiano” e ele falou assim: “aprenda, né? Não tem saída, tem isso ou em alemão. O que você prefere?” E não tinha computador naquela época. Então eu peguei a tradução do Carlos Nelson do Hegel, comprei um dicionário italiano – que não era o bom dicionário, era um daqueles perreco, pois não tinha dinheiro –, e eu fui fazendo um dicionáriozinho próprio com fichinha de cartolina das palavras que eu tinha mais problema, para não precisar ficar olhando no dicionário toda hora. E aí, desse jeito fui fazendo uma tradução d’A Reprodução. Foi assim que eu cheguei na *Ontologia*, assim que eu cheguei no Chasin e no Lukács...

E foi uma loucura, né? O que eu me lembro desses anos de Belo Horizonte, dos primeiros anos do mestrado, era uma descoberta do mundo. De repente, a história tem explicação, tem uma da lógica da história; ela não é um mistério, não é uma “coisa”, né? E juntar subjetividade com objetividade, o que para mim era um problema. Para mim, para um marxista vulgar daqueles, parecia um problema juntar infraestrutura e superestrutura, economia e ideologia... Mas resolveu todos os problemas da minha vida! “A Reprodução” foi uma coisa.

Então foi assim que eu cheguei no Lukács de vez. E aí, bom... Nunca mais voltei para a Revolução Russa, né? A partir daí já não dava mais para voltar para a Revolução, tinha tanta coisa para pesquisar, tanta coisa para entender, que não dava mais para voltar para a Revolução Russa. E ainda bem que eu não voltei, porque teria sido roubada. A Revolução Russa é importante, mas ela explica o século XX? Não é por aí que a coisa caminha, né? Mas foi assim que eu cheguei no Lukács.

Anuário Lukács:

Nessa época não circulava nenhuma versão sobre *História e consciência de classe*? Isso é curioso. Você lembra se essa versão mimeografada de “Narrar ou descrever?” que você menciona é a mesma daquela edição organizada pelo Leandro Konder dos escritos sobre literatura?

Sergio Lessa:

Eu sei que veio do pessoal da “Liberdade e Luta”, um pessoal trotskista. E sei que veio do pessoal deles que trabalhava estética, que trabalhava com arte. Tinha grupo de arte, tinha teatro e tal, era esse pessoal. Então eles muito provavelmente conheciam Lukács por essa via. Agora, *História de consciência de classe* eu nem sabia que existia; eu vim a descobrir muito depois, só depois que eu entrei na universidade, né? Mas, neste momento da USP, eu nem me lembro de *História de consciência de classe*.

45

Anuário Lukács:

Sergio, podemos afirmar então que o grupo de Chasin foi talvez um grupo que pegava trechos da obra de Lukács e apresentava para seus orientandos, que faziam traduções e entravam em contato com o conteúdo...

Sergio Lessa:

Então, veja, deixa eu dizer, fiz parte da Ensaio, mas a conheço mal. Porque, como eu não morava em São Paulo, eu morava na Paraíba, depois passei por Campinas, mas vim para cá, então tive uma relação muito externa com a Ensaio. Minha relação era muito mais com o Chasin do que diretamente com a Ensaio. Participei de algumas reuniões, algumas coisas e tal, mas nunca fui um membro integrante da estrutura da Ensaio pra valer. Então a visão que eu tenho da Ensaio é uma visão muito, muito externa, né? Eu tenho uma visão mais próxima do Chasin e da Ester porque a gente tinha um contato mais próximo.

O que eu sei, porque também logo em seguida... Quando é que foi? Em 1990 para 1991... A minha relação com o Chasin se esgarça, acaba se rompendo, porque o Chasin toma a decisão de apoiar o PDT e o PDT em São Paulo era um aliado do Quéricia. Nesse processo, a gente – eu e mais pessoas também, o Ricardo, o Berriel, a Maria Orlanda – a gente se afastou da Ensaio, né? Então, a partir daí, eu não acompanhei mais o que aconteceu. A defesa do meu mestrado foi uma defesa hipertensa, foi no final de 1991, dezembro de 1991. A partir daí, não tive nenhum contato com o Chasin. Então não sei te dizer como é que as coisas foram, como é que foi a relação com os orientandos. Mas o que eu sei é que a Ester traduziu aquela parte da ideologia e eu traduzi a da reprodução, mas que eu saiba foi isso. Não sei de ninguém que tenha feito

outras traduções, pode ser que tenha havido, mas eu não sei mais de ninguém... Não, olha, eu sei que teve um pessoal de Fortaleza, era um casal que não sei por onde anda, Fátima e Adalto. Eles foram estudar ideologia e eu sei que ficaram encarregados de traduzir a parte da ideologia que a Ester não tinha traduzido (ela traduziu só a terceira parte), mas eu sei que a tradução não andou. Acabaram trocando de orientador, não defenderam com Chasin e tal. Mas, que eu saiba, fomos a Ester e eu que fizemos as traduções. O projeto era publicar, mais cedo ou mais tarde, a *Ontologia* no Brasil.

Anuário Lukács:

Talvez esse seja um ponto importante na questão da recepção do Lukács, né? O problema da tradução já se coloca no final da década de 1950. O Celso Frederico fala que um dos eixos de trabalho da jovem intelectualidade (o Coutinho, o José Paulo Netto, enfim, alguns outros nomes também) será justamente a tradução, eles vão se dedicar a traduzir textos do Lukács e divulgá-los. Isso é algo que ainda é atual. Não temos as obras completas totalmente traduzidas. E isso sem levar em conta a questão da própria edição das obras do Lukács, que já é um problema em si. Por isso, queríamos perguntar sobre esse aspecto da recepção do Lukács, da questão da tradução e da edição, também entrando no porquê de traduzir a *Ontologia* (de novo, uma pergunta pessoal).

Sergio Lessa:

A impressão que eu tenho, mas é impressão pessoal, porque eu nunca estudei isso para valer; conversei algumas vezes sobre isso com Carlos Nelson, com o Zé Paulo, uma vez com Leandro, porque eu os conheci muito tardiamente. Eu vi o Carlos Nelson e o Leandro pela primeira vez num evento que teve na Unicamp... Quando que foi, hein? Eu estava em pleno doutorado, deve ter sido em 1990, 1992, por aí... Foi um colóquio, “Lukács, o Galileu do século XX”, depois saiu aquela coletânea. A primeira vez que eu vi o Zé Paulo foi na minha defesa de mestrado, ele fez parte da banca. Então eu tive um contato muito tardio com eles. E a relação que a gente tinha com eles, porque era a relação que o Chasin tinha com eles, era assim: um bando de reformistas, os caras não entendiam nada ... Essa era a ideia que eu tinha deles, né? A coisa só vai melhorar, quando, por um lado, a gente começou a ter contato com o Tertulian, o Guido Oldriní, o Costanzo Preve, o Vittoria Franco e a gente começou a perceber que o Carlos Nelson, o Zé Paulo não eram exatamente aquilo que diziam. E depois através do contato pessoal. Eu estava na Unicamp, eram amigos do Ricardo e tal. Nesse colóquio, “Lukács, o Galileu do século XX”, por um grande acaso eu acabei caindo na mesa principal do dia em que estava o Zé Paulo, o Carlos Nelson... Eu estava discutindo a questão da individualidade. Agora eu posso dizer, porque eu me lembro da carinha deles, eles ficaram encantados e vieram falar comigo depois. E aí começa uma relação de mais igualdade, eu respeitando eles, né? E eles falaram: “esse menino aí tem alguma coisa”.

Então, o que eu vou dizer pra vocês é que a minha impressão é que a gente teve dois momentos, pelo menos, envolvendo a minha geração. Você tem essa geração anterior, que é o Carlos Nelson, o Zé Paulo, o Leandro, que tem uma diferença de oito ou doze anos, mais ou menos, para minha geração; o Zé Paulo é oito anos mais velho do que eu. E eles entraram no Lukács pelo partidão, aquela ideia de uma política cultural ampla e etc. e eles entram pela estética. A geração da qual eu fiz parte a gente vai entrar direto pela ontologia, a gente não vai chegar na ontologia pela estética, a gente vai entrar direto pela ontologia, e eu acho que, por um lado, fazer isso possibilita a gente conhecer melhor a ontologia. Mas, por outro, a gente nunca foi capaz de entender como eles entendem o desenvolvimento intelectual do Lukács como um todo. Então eu acho que teve uma inflexão nesse processo, né? Eu diria que tem essa primeira etapa, que, tanto quanto eu me lembro, começa com os primeiros artigos de Lukács publicados no

Brasil, traduzidos no final dos anos de 1950; comecinho dos anos de 1960, sai aquele texto do Leandro, *Marxismo e alienação* – é um baita texto até hoje, tá certo? Em seguida, você vai ter o Carlos Nelson, o José Paulo, toda a militância cultural deles. Depois, do exílio o Leandro manda a entrevista que ele faz com o Lukács lá na Hungria.

Então, você tem esse processo, e depois, quando sai a *Ontologia* em italiano lá fora, que eu não sei como chegou na mão do Chasin, mas chegou logo, o Chasin começa a estudar e joga na mão da gente, na minha e da Ester mais imediatamente... A gente começa de um ponto de partida que era muito inferior ao ponto de partida do Zé Paulo, do Carlos Nelson etc., mas que tinha a vantagem de ser um ponto de partida completamente do zero, né? A gente era *tabula rasa* e ia começar do zero. Eu acho que isso impôs uma certa diferença na leitura do Lukács, na compreensão da *Ontologia*, das categorias. Mas eu diria que são diferenças, não porque a nossa é melhor ou pior, não é isso que eu estou dizendo. É porque, na verdade, acho que ambos são pontos parciais ainda; um é mais uma leitura da ontologia a partir da estética e a gente faz uma leitura da ontologia como se o Lukács anterior não existisse e claro que assim não funciona, né? Tem um *gap* sério aí, que eu acho que é o limite da minha geração, que, eu acho, é o limite meu e da Ester, das pessoas que se formaram nesse processo. Eu acho que nessa geração que vem vindo agora e que está participando da tradução da *Estética*, o Sérgio Gianna, a Mariana, a Patrícia etc., eles têm um conhecimento muito sólido da *Ontologia* e, ao mesmo tempo, estão conhecendo a *Estética*, né? Eu tenho a impressão de que isso abre a possibilidade no país de a gente ter daqui 10, 15 anos, uma leitura do Lukács que é muito mais rica e muito mais profunda do que a minha geração foi capaz de fazer.

Sobre as traduções, como é que a coisa foi... Veja – e aí meio que crítica e autocrítica, porque eu participei disso também – eu acho que a gente sempre teve uma ideia... Eu digo “a gente” porque isso coincidia com Zé Paulo, Carlos Nelson desde a década de 1960, com o que eles defendiam e com o que eles faziam depois, né? Quando a gente se conheceu, a avaliação que eles faziam do passado e também o que a gente pensava na Ensaio era que para luta ideológica é uma coisa absolutamente fundamental você conseguir uma ampla divulgação dos textos. Então a gente sempre ficou atrelado a editoras comerciais. Isso, por incrível que pareça, dificultou muito a divulgação do que a gente já tinha, porque você ficava dependendo das grandes editoras, no passado da Civilização Brasileira, depois da Cortez, depois da Boitempo, né? Ficamos muito tempo presos nas grandes editoras. E eu tenho impressão que a gente perdeu a dimensão de que a coisa não é bem assim. Quando se trata desses textos, tipo a *Fenomenologia do Espírito*, a *Ontologia*, a *Estética*, *O Capital*, do Marx etc., tem uma quantidade grande de pessoas que vão ler e vão se apropriar de uma forma superficial. E tem em cada geração eu diria, sete, oito pessoas que vão estudar para valer. Esses caras é que contam. Isso é que de fato conta nesse momento contrarrevolucionário que a gente vive. E eu não tô dizendo que isso é bom. Eu estou meramente constatando um fato. Na verdade, o que faz o debate avançar não são as duas mil pessoas que leram, são as 10 ou 15 pessoas que estudaram para valer... E é para essas pessoas que a gente tem que produzir, essas pessoas é que têm que ter acesso ao melhor da tradução ou ao melhor texto.

Então eu tenho impressão que, durante muito tempo, a gente fez muita concessão às editoras. A gente não escrevia exatamente o que a gente pensava... Você acaba namorando um ou outro autor... Veja, na minha tese da Unicamp, tem um capítulo sobre Habermas, não porque eu quis, mas porque tornava o texto mais “interessante” para a academia. Mas aquilo não tem nada a ver com o restante do texto e me custou seis meses de trabalho. E você vai fazendo concessões dessa ordem: tá bom, você não fala em “comunismo”, você fala “numa sociedade”... Percebe? Isso eu acho que impôs um certo limite, porque a gente ficou muito amarrado nas editoras. Eu tenho impressão que isso começa a ser rompido com Chasin ao fazer a Ensaio, mas ainda assim o Chasin pensava numa *grande* estrutura administrativa, uma *grande* estrutura profissional, era

uma coisa muito grande a Ensaio. Não é à toa que foi à falência. Eu tenho impressão que depois, quando veio o Instituto Lukács, o Veredas etc., a gente descobriu que não precisava ter tudo isso; que a gente podia fazer uma boa parte do que fazíamos com edições muito baratas e muito mais simples; e que a gente pode fazer um trabalho do ponto de vista teórico que é bem melhor se você não está sendo contratado por uma editora, se você não tem prazo para entregar a tradução, se você não tem que manter o linguajar específico da editora. Mas essa descoberta foi *muito* tardia, né? E isso eu acho que comprometeu muito o trabalho da minha geração. Espero que a próxima geração que já conhece esse processo não pague esse preço. Mas a gente pagou um preço altíssimo para as editoras. Eu tinha uma pasta extremamente grossa com cartas dizendo “não”, “ó, esse livro não interessa”, “esse texto não pode”, “esse artigo não pode”... Era uma loucura, para publicar um artigo, você demorava três, quatro anos, até encontrar uma revista que tivesse interesse em publicar. Para a gente publicar hoje... Um texto que tem certa qualidade você não escreve do dia para a noite, mas publicar, você publica do dia para a noite, né? Não tem mais nenhum texto que tenha alguma qualidade e que você queira publicar hoje que você não publique em um ano. Ou até mesmo livro, mas se for artigo é mais rápido ainda. Então, eu tenho impressão que teve esse problema, sabe, a gente ficou muito preso nessas estruturas das grandes editoras, porque eu acho que a gente tinha uma concepção incorreta de qual era a necessidade real para a luta ideológica nesse período histórico que a gente vive. Isso tem a ver com as ilusões, né? Que, com o fim da ditadura, vinha a democracia, que abria um processo de luta de classes para o socialismo, tinha tudo isso. A gente estava apostando no movimento de massa naquele momento, então tem todas essas concepções que se demonstraram completamente incorretas, completamente falsas.

Anuário Lukács:

Sabemos que Alagoas é reconhecida como um polo de estudos lukacsianos; não só em Alagoas, mas no Nordeste parece que há, reconhecidamente, esse foco no estudo sobre Lukács no interior do campo do marxismo. Você poderia falar mais sobre o processo que levou a isso? Existe uma relação entre essa consolidação e a formação do Instituto Lukács (o que remeteria a esse aspecto de luta ideológica nas relações com as editoras, de que você acabou de falar)?

48

Sergio Lessa:

Veja, como é que foi a história: quando eu estava terminando a graduação na Paraíba e o Chasin estava mudando para Belo Horizonte, o Ivo já estava aqui, em Maceió, e trouxe o Chasin para dar um curso. Era um curso lindo que o Chasin dava, e que acabou dando origem a um texto que o Ivo datilografou, e que se chama “Crítica ao neoliberalismo”, algo assim. Só tem datilografado, é um texto enorme, e é um curso maravilhoso. Ele pegava de Parmênides a Sartre, e fazia toda evolução da ontologia. O Chasin era uma coisa, né? O conhecimento do Chasin era uma coisa fenomenal. Então, ele já tinha dado esse curso aqui e o Ivo já tinha uma *enorme* influência, a essa altura era o cara mais importante das Ciências Sociais daqui, um cara reconhecido localmente, já tinha várias coisas publicadas. Além disso, tinha no departamento de Serviço Social, umas seis ou sete professoras, que já eram pessoas de 35 ou 40 anos de idade, que, por uma questão de necessidade, para fazer uma pós-graduação aqui, começaram a fazer um mestrado e o doutorado em João Pessoa, em Recife, porque não tinha mestrado e doutorado aqui. E é nesse momento que eu venho para cá. Foi o Ivo que me trouxe para cá.

O que está acontecendo basicamente no local? Eu cheguei em um momento em que o Chasin e o Ivo tinham preparado todo o terreno. Então você tem sete ou oito pessoas muito sérias, maduras, que tinham de alguma forma participado da luta contra a ditadura, então não eram politicamente ingênuas e que caíram na minha mão, tá certo? E eu cheguei da Unicamp, tinha feito *reprodução* com Chasin, estudado *trabalho* com Ricardo Antunes na Unicamp, tinha a

ontologia na cabeça. Eu lembro que me levaram para dar um curso para elas no mestrado; cheguei e falei: “olha, se a gente fosse um curso de física experimental, a gente não teria laboratório, mas aqui, tudo que a gente precisa, a gente tem: é livro. Então não tem cabimento a gente não ter um curso no nível da Unicamp e da USP. É isso que nós vamos fazer”. E eu mandei ver, foi muito legal, a partir daí a gente começa a aglutinar um núcleo. Bom, Lukács é apaixonante, a *Ontologia* é apaixonante. Ganhar as pessoas para a *Ontologia* é fácil. O problema é depois o que fazer com elas, mas ganhar as pessoas para a ontologia é fácil, porque é uma coisa absolutamente encantadora. E o resultado disso é que a gente começa a ter um certo choque com a pós-graduação em Recife, com a Federal de Pernambuco e da Paraíba, porque eram gramscianas, no máximo, a esquerda era gramsciana. Imagina Lukács, né, a transição tem que começar pelo trabalho; trabalho, categoria fundante. Imagina! “E a ideologia, onde é que fica, e o simbólico?” Então começa um processo em que, com esse atrito, a gente vai tendo que se unificar, que se aglutinar. E daí vai sair um núcleo composto por umas cinco ou seis pessoas, a gente vai montar um grupo de estudo que vai ser sobre ontologia e vai estudar juntos uns seis ou sete anos. Daí sai a maior parte do doutorado da Cristina Paniago, da Edlene Pimentel, da Norma Alcântara, da Maria Augusta Tavares, de outras estudantes como a Mariana Andrade e a Zilas Nogueira, e também outras coisas muito interessantes. E esse também é um processo de amadurecimento teórico para mim. Estudava *Ontologia* todos os dias, né? Agora eu sou um professor, agora eu tenho tempo, estudo a *Ontologia* todos os dias...

Mas tem um outro detalhe de que a gente só veio ter plena consciência depois. De 1991 para 1992, eu estava fazendo a seleção para o doutorado. E aí teve um convite para ir para a Unesp, em Marília, “olha, faz o doutorado, que a gente tem interesse”. Nessa altura, já tinha a possibilidade de voltar aqui para Alagoas. Eu sentei com a Cristina e disse que preferia ir para Maceió. Primeiro, porque a vida lá é muito mais agradável para criar as crianças, além do André, já tinha a Aninha, né? Mas, além disso, porque a pressão acadêmica no sul é insuportável. Eu sou um cara muito inseguro, a pressão é insuportável para mim. Aquela coisa do CT, Unicamp e USP, aquela rixa, isso me fazia muito mal. O tempo que eu fiquei na Unicamp, fiz belas amizades, aprendi pra dedéu, mas esse clima me fazia muito mal. Eu e Cristina, a gente meio que decidiu: voltamos para o Nordeste. E, de fato, acho que foi uma decisão acertada. Porque você chega aqui, você não tem nada para fazer na cidade, a vida cultural é praticamente inexistente, e a única coisa que você tem para fazer é assistir à Rede Globo; não tinha internet, era assistir à Rede Globo, ou então estudar, você não tem outra coisa para fazer. Então dava para estudar muito. E como aqui a pressão acadêmica é muito menor, o desgaste pessoal é muito menor. Então, deu para sobreviver muito melhor.

Eu acho que juntou essas duas coisas, sabe? O trabalho que foi feito pelo Ivo e pelo Chasin, a sorte de eu ter chegado aqui, essa circunstância em que você não tem tanta pressão... Então, a gente conseguiu sobreviver dentro da Universidade, com todas as dificuldades e com muitas concessões, que a gente, na minha opinião hoje, não deveria ter feito... E, por outro lado, como a gente estava apartado, ninguém nunca deu bola para a gente. Então, o que a gente estava estudando, não era o que estavam estudando na UFRJ, na Unicamp, na USP. A gente não tinha que ler o que o Negri estava produzindo, o que o Habermas estava escrevendo, o último artigo do Giannotti... o que isso interessava pra gente? Então, isso deu para a gente uma certa condição de fazer um estudo profundo da ontologia, o fez com que as pessoas de fora achassem que a gente tem muito mais coisa do que tem, que tem muito mais gente do que tem, que o Instituto Lukács foi muito mais coisa do que foi, que o Veredas é uma loucura... Não é, é uma coisa muito pequenininha e, eu diria, muito provinciana. Quem dizia isso, criticando a gente, e com razão, era o Mário Duayer: “vocês são muito provincianos, muito locais”. É verdade, somos mesmo, a gente é uma patotinha que ficou muito local... Com vantagens, eu acho, e a gente de fato estudou principalmente a *Ontologia*, e isso resultou na Mariana, na chegada do Sérgio

Gianna, nessa geração que está se formando aqui no Nordeste, e que tem um certo papel, né? Mas é muito menos do que as pessoas de fora imaginam. Eu lembro na França, conversando com Tertulian, ele falava: “como é que é possível ter um livro de introdução à *Ontologia* que está na quarta edição, e a *Ontologia* nem saiu ainda?”. Era aquele meu *Para compreender a Ontologia de Lukács*... Para os europeus, parecia que a gente aqui tinha um partido enorme... Na primeira vez que eu tive uma conversa séria com o Oldrini, ele falou: “mas, conta para mim, qual é o partido?” “como, Oldrini, não tem partido nenhum”. “E quem é o editor?” “Nós.” “E de onde vem o dinheiro da editora?” “É nosso.” Isso não faz parte do universo deles, né? A primeira vez que a Mariana se encontrou com o Oldrini, lá em Milão, eu estava junto e foi muito engraçado. Ela falava: “Oldrini, noi, noi”. E o Oldrini ficava perplexo: “Como?”. Mas é isso, o processo foi basicamente esse.

Eu diria, também, que houve uma contribuição fundamental do Chasin, que ensinou pra gente como estudar. Essa coisa da leitura imanente; a sua obrigação, ao estudar um texto, não é tornar o texto um pretexto para você desenvolver sua subjetividade, mas você tem que fazer a sua cabeça acompanhar o que o texto está dizendo e, portanto, você tem que colocar sua subjetividade no saco, para você ser capaz, de fato, de entender o que o texto está dizendo. Depois você discute, mas a primeira tarefa é você ser capaz de reproduzir na sua cabeça o decisivo do texto, o que você só faz ao escrever, né? Foi isso que o Chasin ensinou para mim, para o Ivo, para tantos outros... Isso foi absolutamente fundamental para a gente aqui, absolutamente fundamental... E até hoje, né, até hoje não consigo estudar de outro jeito...

Ah, vocês queriam saber do Instituto, do Veredas, da tradução da *Ontologia*, é isso? Em 2007, saiu um livro meu pela Cortez, aquele *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. E, não sei se naquele ano ou no seguinte, eu estava na Cortez, conversando com o pessoal, e uma das editoras, que se chama Bete Borgiani (que eu nem sei se está na editora ainda), falou para mim: “ó, o seu livro, a gente tira da gráfica pagando tipo 6, 7 reais” (eu não lembro mais) e o livro era vendido a 37, a 38 reais. Não é possível, se é tão barato imprimir o livro, o resto fica para editor e atravessador? Além do que, tirando Ricardo, os livros da gente vendem muito pouco. As grandes editoras e as grandes livrarias não têm interesse em ter livro da gente na prateleira delas, porque para esse pessoal não interessa quando se diz que demora um ano, um ano e meio para vender mil exemplares. Então, quando você publica um livro numa grande editora, o resultado é que você vende muito pouco, demora muito. *O mundo dos homens*, que saiu pela Boitempo, demorou coisa de 3 anos para esgotar a edição de mil exemplares. Quando a gente fez a edição pelo Instituto Lukács, a gente em seis meses vendeu 1.500. O preço saiu de, sei lá eu, 40 para 8 reais e você vende de mão em mão, mas vendeu 1.500 assim, em um ano acabou e fizemos a segunda edição muito rapidamente. Então, ficou muito claro pra gente que dava para fazer livro barato. A questão era como fazer um livro barato, como a gente se organiza para isso. Então nesse momento começa a discussão que vai dar depois no Instituto Lukács.

Num primeiro momento, quem de fato foi fundamental, foi um pessoal de São Paulo, estudantes de Serviço Social, o Ênio Rosa e a Camila Macedo foram as pessoas centrais. E eu fui com eles nas gráficas, a gente fez os primeiros lançamentos, vimos que de fato imprimir livro era muito barato. E aí teve um Encontro de Educação, um ano depois, coisa assim, aqui em Maceió, na UFAL, e a gente fez uma reunião em casa em que estava o [Paulo Sergio] Tumolo, um bolo de gente do país, de pedagogia e outras pessoas também. Então a gente discutiu mais concretamente a proposta de fazer um instituto. Mas a ideia que a gente tinha era assim: ó, não é possível que isso dê certo. E se a gente fizer algo assim, certamente, como fica muito barato o livro, o mercado acaba ganhando a gente; não tem jeito, nesse momento contrarrevolucionário, o mercado vai ganhar a gente, alguém vai tomar ideia e vai fazer negócio. Então a gente montou uma estrutura jurídica para impossibilitar que de modo algum

esta ideia degenerasse... Era assim: ela acabava, mas ela não iria degenerar. Então a gente montou uma estrutura jurídica extremamente rígida e registramos em cartório. De fato, só podia entrar no Instituto Lukács tendo que cumprir tantas condições que, na verdade, *pouquíssima* gente entrou. Eu diria que na vida do Instituto Lukács, que eu saiba, tirando aquele núcleo inicial, entraram seis ou sete pessoas no máximo. O resto foi um núcleo duro que ficou, que veio lá de trás. A ideia que a gente tinha era assim: a gente publicava edições de mil exemplares, 500 exemplares ficam do autor, 500 exemplares ficam do Instituto. Então a gente vai vender pelo dobro do preço de custo, porque daí o autor, com metade da edição, repõe o que ele colocou de grana e o Instituto junta dinheiro para publicar Mészáros, Marx, Lukács, que era a ideia da gente. E, por incrível que pareça, deu muito certo. Foi uma loucura, a gente ficou absolutamente maluco, porque a gente vendia livro sem parar: quando tinha encontro do Serviço social, se a gente vendia pouco, a gente vendia 800 livros, normalmente vendia mais de mil. Teve uma vez que eu saí daqui, alugamos uma Fiorino, enchemos de livro e passei em Salvador, Vitória da Conquista, depois fomos para Vitória do Espírito Santo, na volta Salvador de novo, depois Aracaju, Maceió. Só nesse circuito vendemos 2500 livros, isso tipo em 12 dias. Então a gente vendeu livro pra dedeú.

Quando o Instituto fechou, ele tinha muito dinheiro em caixa, 30 mil reais em caixa. Além disso, eles tinham vendido (de cabeça, eu posso estar enganado) uns 80 mil livros e tinham mais 12 mil exemplares estocados. Então, foi uma experiência que deu muito certo, o que aconteceu é que era muito rígido, não entravam pessoas novas e as pessoas velhas começaram a brigar entre si. Porque é como acontece na universidade, você tem um departamento fixo e ali vira uma máquina de moer carne, o Instituto Lukács ficou assim também, uma brigaiada interna que não tinha mais tamanho. E aí junta ciúme, junta também cada um com uma visão um pouco diferente do que deve ser publicado, você já não tem mais aquele companheirismo, aquela solidariedade, tudo é disputa, aquela guerrinha e tal. Nesse meio tempo, eu já tinha começado a traduzir a *Ontologia* e teve uma discussão que foi a última de que eu participei, a partir disso saí fora, não dava mais... A discussão era assim: o Instituto resolveu que na tradução da *Ontologia* quem ia fazer a última versão do texto seria um revisor de português e não eu que era o tradutor. Eu traduziria e a última versão entregaria para o revisor de português fazer, então o que ele modificasse a partir disso ficaria como versão final. Eu disse: “olha pessoal, sinto muito, mas eu não vou traduzir nesses termos, eu não vou trabalhar feito idiota para depois um revisor de português que não entende nada do texto fazer a última revisão, não vai ser assim”. Esse dia eu saí do Instituto. Mas, veja, o clima estava muito ruim, alguns anos depois eles resolveram de fato fechar porque o clima estava tão ruim, tão ruim que não compensava mais. Estava muito chato, ninguém aguentava mais.

E foi nesse processo de sair de lá que surgiu a ideia, eu já saí de lá com a ideia de fazer outro projeto independente acontecer de outro jeito, fazer um outro Instituto Lukács. Aí eu saio de lá e encontro um monte de gente querendo publicar; porém, publicar textos que não necessariamente faziam parte da linha do que poderia ser publicado no Instituto, querendo publicar textos falando de Gramsci, textos mais de esquerda... Textos que não eram exatamente o que se adequa à proposta do IL, especificamente sobre Lukács, Mészáros... Então pensamos em uma editora mais flexível, um centro cultural mais flexível em que se possa publicar essas outras produções também e que não tenha nenhuma estrutura. Então o que a gente tem no Veredas é nenhuma estrutura, a gente não tem conta bancária, o nosso CNPJ a gente tem que renovar. Não tem absolutamente nenhuma estrutura e a gente define anualmente as regras de funcionamento na assembleia, participa do Veredas quem participa da assembleia. Basicamente assim que funcionava. E por incrível que pareça a coisa deu certo. Hoje, estamos muito diferentes. A gente tem toda uma evolução do Veredas, hoje a gente está muito mais grudado no movimento popular, no movimento operário etc. do que na vida acadêmica, né? Embora

todo mundo do Veredas ainda seja professor ou estudante, a gente tá muito mais voltado para fora da Universidade do que para dentro. Algo que tem a ver com a crise da Universidade, com a evolução da Universidade etc. A gente tá esse ano publicando a segunda edição da tradução da *Ontologia*, que vai ser nosso último grande empreendimento editorial nesses próximos dois ou três anos. O ano que vem tem mais coisa para sair e tal. Mas agora é muito mais voltado para o movimento popular, o movimento operário, o que não quer dizer que não tem qualidade teórica, mas é uma outra abordagem, né? É uma outra visão, menos acadêmica, eu diria menos babaca, menos burguesa.

Como é que começa a história da *Ontologia*? Em 2001 eu fiz minha primeira viagem para Hungria, pro Arquivo Lukács. Mas eu saí daqui com uma carta da Ivana [Jinkings], da Boitempo, me apresentando aos herdeiros de Lukács com autorização para negociar os direitos autorais. Era uma lista, eu lembro que tinha a *Estética*, a *Ontologia*, o *Jovem Hegel* e tal, mas tinha umas outras coisas também que eu não me lembro bem. Quando cheguei na Hungria, perguntei: “quem é o depositário, com quem a gente negocia?” Porque, veja, enquanto a Hungria era soviética, tinha um escritório, um departamento estatal chamado *Art Jus* que negociava em nome do estado Húngaro; aí quando se pagava, um tanto ficava para o Lukács e o resto para o Estado. A *Art Jus* ainda existia, mas já não era mais estatal, era uma empresa que tinha sido meio privatizada. Nesse meio tempo, o Lukács já tinha morrido. Primeiro, os direitos autorais tinham ficado pro filho do Lukács (que na verdade era da Gertrud Bortstieber, mas que o Lukács tinha adotado), o Jánossy. Depois que ele morreu, passaram para a Catarina, que era a sua esposa. Então eu sentei para conversar com a Catarina e a agente literária dela, porque a Catarina não falava inglês e o que eles disseram para mim foi o seguinte: “a gente não pode vender nada, porque tem um quiprocó legal” – que eu não conseguia entender, porque também a explicação deles era muito confusa – “e a gente não pode dar autorização nenhuma”. Então o que acontecia nesse momento – e isso perdurou durante muitos anos, mais de 20 anos, 15 anos, com certeza – o que aconteceu é que o último editor do Lukács na Alemanha, o Frank Benseler (que tinha a Lukács-Gesellschaft), ficou como depositário moral. Então era assim: você escrevia para ele, “estou querendo publicar essa tradução, posso?” Ele falava: “pode, deposita 100 dólares para a Lukács Gesellschaft, está resolvido o problema”. Então você passa a ter um processo em que as traduções vão saindo, autorizadas pelo Benseler, mas sem ter nenhum controle de qualidade, sem nenhuma visão do que estava acontecendo; aquilo ficou meio caótico. Foi assim que saiu no Brasil, que saiu em Portugal, aquela edição de *História e consciência de classe* pela Escorpião, que é uma edição péssima, falta parágrafo etc. E também outras traduções muito complicadas. Então eu volto de lá com essa informação de que não tem o que fazer. Depois, em 2013, 2014, por aí, quando eu fui para Alemanha pela primeira vez, um amigo da gente que é uruguaio, mas tem uma parte da família dele na Hungria, estava na Hungria, foi no Arquivo Lukács e lá disseram para ele que o Zoltán era o depositário dos direitos autorais, que dava para comprar os direitos autorais. E, tanto quanto eu sei, a gente foi quem recebeu primeiro essa notícia no Brasil. A Boitempo não sabia disso, os outros não sabiam disso. Então, em semanas, eu comprei os direitos autorais para o Instituto Lukács, falei: “pessoal, estou comprando os direitos autorais com meu dinheiro, depois a gente resolve se vocês querem publicar ou não”. E claro que eles iriam querer publicar, óbvio, mas tinha que ter uma decisão formal, pelo IL a coisa era assim. Sai a negociação, a gente compra os direitos, e aí pela primeira vez, em contato com o Zoltán, fiquei sabendo que a Boitempo tinha comprado de um parente do Lukács há uns anos atrás os direitos autorais da *Ontologia*, mas que esse contrato já tinha vencido e que a Boitempo tinha publicado o primeiro volume dos *Prolegômenos* aqui sem ter de fato os direitos autorais estabelecidos com o Zoltán; tinha esse contrato passado...

Aí começa o trabalho de tradução, e tiveram mil percalços no meio. A Boitempo manda *e-mail* para a gente, diz que a gente não tem os direitos autorais, que os direitos autorais são deles. Teve muita pressão no meio, eu procurei advogado, tiveram alguns momentos tensos. O que aconteceu é que quando a gente pegou os *Prolegômenos*, e, depois, a gente pegou o primeiro volume da *Ontologia*, a gente ficou muito preocupado com a tradução. Porque a tradução é muito ruim. Hoje, eu posso dizer para vocês com autoridade, porque eu trabalhei todas as traduções, com detalhe, com exceção da romena, da húngara – porque não entendo a língua – e da inglesa, que é muito ruim, então nem fui atrás dela... A pior que tem, de longe, é a da Boitempo. São mil problemas. Primeiro, porque, tirando os *Prolegômenos*, que tem a Ester, que conhece, e por isso os *Prolegômenos* é bem melhor do que o restante da série, foi traduzido por um pessoal – tirando a Ester – que não conhece a *Ontologia* para valer e, eu diria, que tem um conhecimento fraco de Filosofia. Então o primeiro problema é esse: eles não entendem o que estão traduzindo e fazem barbaridades. Por exemplo, o Lukács faz uma crítica muito elogiosa ao materialismo mecanicista de *antes* de Hegel e de Marx, e faz uma crítica arrasadora do materialismo mecanicista *depois* de Marx, o marxismo vulgar, etc. E ele faz elogios enormes ao mecanismo, que é a forma como Hegel trata os processos naturais: críticas e elogios. Pô, e eles traduzem mecanismo por mecanicismo. Isso no capítulo do Hegel inteiro... Então, quem é que pode entender? Ou o Lukács não entende nada de Hegel, ou então... Tem, por exemplo, uma passagem em que o Lukács usa a palavra “*Kontinuität*”, continuidade, e eles traduzem como prossecução; quem é que vai entender que prossecução é “*Kontinuität*” em alemão? Tem barbaridade dessa ordem. Se vocês quiserem, mando para vocês, porque, antes da gente ter decidido fazer a tradução, a ideia da gente era fazer uma errata. Então, naquele grupo de estudo que a gente tinha, a gente começou a ler *Ontologia*, pegava alemão, português, alemão, português, e a gente foi fazendo o rascunho do rascunho da errata... Umas cem páginas, ia sair um livro dessa grossura... Mas como a gente descobriu que dava para fazer a tradução, mil vezes fazer a tradução do que publicar uma errata.

Para vocês terem uma ideia de onde as coisas vão, tem coisas que não dá para entender... Veja, a *Ontologia* e os *Prolegômenos* são manuscritos; então, se você pegar o Benseler, o Scarpone... lembra? A tradução italiana saiu antes da edição alemã, então o Scarpone traduz do mesmo manuscrito que serviu de base para o Benseler. Pelo menos deveria ser o mesmo manuscrito... Às vezes o Scarpone junta dois parágrafos ou separa um parágrafo, mas isso pode ser contado na mão, tá certo? Se você pegar os *Prolegômenos* e a *Ontologia*, o que dá, sabe lá eu, umas 1500 páginas, não é mais do que sete oito vezes que se faz isso. O Benseler é a mesma coisa. Bom, só na *Ontologia*, a Boitempo quebrou em dois, e às vezes em três parágrafos, mais de 160 parágrafos, eu acho que são 193. O Lukács escreve parágrafos grandes, densos, né? Aquele raciocínio – eu diria para vocês que não é cartesiano, porque não é idealismo –, aquele raciocínio quase matemático, isso puxa isso, puxa isso... Quebra-se parágrafos e não dá para entender a razão, não dá para entender porquê. Você fala: junto era tão melhor, por que os caras separaram? E se traduz o Lukács num alemão da vida cotidiana; então, toda vez que você tem um termo técnico mais complicado, você cria uma expressão, você aproxima, porque também tem intenção da editora de vender o livro. Então tem que fazer um texto de leitura mais fácil, você faz um processo de copidescagem na tradução também, né? Então a tradução da Boitempo é muito complicada. O ideal para a gente seria que a tradução da Boitempo fosse muito boa, porque ao invés de ter passado 9 anos traduzindo a *Ontologia*, eu teria passado 9 anos estudando a *Ontologia*, o que é diferente. A Mariana trabalhou um ano e meio nessa tradução, teria poupado um ano e meio da vida da Mariana. Fora o dinheiro que você gasta, o tempo, dedicação, energia, tudo, não é?

E tem outros problemas. Eles resolveram aproveitar todas as traduções que tinham sido feitas no passado, mas elas foram feitas ao longo de muitos anos por pessoas que pensavam coisas

muito diferentes, né? O Mario Duayer defendia que a alienação podia ser expressa num plano cartesiano, num gráfico. Veja, isso não tem nada a ver com o que o Carlos Nelson pensa, com o que o Ivo pensa, com o que a Norma Alcântara pensa. Então, quando eles juntam isso, dá um rabo de pato com cabeça de cavalo: isso não se junta. Isso foi o que motivou a gente a fazer a segunda edição. E a gente está fazendo a mesma coisa em relação à *Estética*. A gente já sabia que a Boitempo tinha a intenção de publicar a *Estética*. Todas as vezes que nós compramos direitos autorais, está escrito no documento por exigência nossa que não é com exclusividade; quanto mais traduções tiver, melhor, tá certo? A gente comprou os direitos da *Estética* antes da Boitempo, a gente poderia perfeitamente ter exigido exclusividade, isso é legítimo, e a Boitempo não poderia publicar nunca. Isso nunca interessou pra gente, quanto mais traduções tiver, melhor. Mesmo a tradução da *Ontologia* da Boitempo tem coisas legais. Então, para vocês terem uma ideia: eu usei a vida inteira determinação reflexiva, e não é, é determinação de reflexão como eles usam, é muito mais preciso. Tem várias passagens em que eu falo: “olha, isso aqui eu peguei do Schneider, o Schneider aponta isso, o Schneider diz isso”. Não é uma tradução imprestável; está longe de ser uma boa tradução, mas não é uma tradução imprestável...

Quando chegou para a gente a notícia de que o Schneider iria fazer a tradução da *Estética*, a gente falou: podemos fazer a nossa, porque vai ter exatamente o mesmo problema. Você tem uma tradução superficial, uma tradução que não dá conta da densidade... Eles fizeram a opção maluca de publicar o primeiro volume antes de todos os volumes estarem traduzidos. Isso é um pepino, porque na medida em que você vai traduzindo os outros, necessariamente a sua tradução vai melhorando, você vai conhecendo melhor o texto. E aí você dá uma solução que cabe no primeiro volume, mas não cabe no terceiro... Eu preciso juntar o primeiro com o terceiro lá na frente, você tem que dar uma solução diferente... E se você publica, você se engessa, né? Eu não participo desse processo da tradução da *Estética*. Não dá para você fazer a tradução da *Ontologia* e da *Estética*, é impossível. Então quem está tocando é a Patrícia, a Mariana, o Sérgio Gianna, o Vidal, o Deribaldo; é deles o projeto, né? Com isso eu não estou tirando o meu da reta, nem me dessolidarizando com eles, mas tivemos que dividir a tarefa, porque é impossível. Mas claro que a gente troca sempre que a gente se encontra, né? Eles estão achando uma série de soluções que eu traduzi de outra forma na *Ontologia*. Então, muito provavelmente, a experiência da *Estética* vai possibilitar melhorar a tradução da *Ontologia* daqui a alguns anos. Então, tem um processo muito rico, que é basicamente isso: nada além dessa enorme aventura de entender o que aquele húngaro maluco pensava. Nossa, é uma coisa genial.

Anuário Lukács:

É inevitável não pensar no ingresso de Lukács no Brasil e na América Latina. Porque na Argentina, no caso das obras de maturidade, você tem as traduções para o espanhol especialmente da *Estética*, já que a *Ontologia* está traduzida por capítulos, “O trabalho”, “A alienação”, enfim. Parece que lá o Lukács é mais conhecido na área da literatura, da crítica literária; vejo grupos tão consolidados como os do Brasil em Córdoba, em Buenos Aires, onde está o Miguel [Vedda]... Parece que você falou mais ou menos uma coisa de um fenômeno que aconteceu no Brasil, onde Lukács ingressou com tanta força que foram se constituindo diferentes grupos em diferentes lugares... Isso eu acho que até o próprio Tertulian falava, mas outras pessoas também falavam; mesmo Mészáros entra muito mais no Brasil do que em outros países. Poderia te dizer que a Ágnes Heller ingressa na época da ditadura na Argentina; nós conhecemos a Ágnes Heller pelas pessoas que estavam exiladas na UNAM, no México, e aí eles trazem a Ágnes Heller e eu conheço Lukács por meio da Ágnes Heller. Então tem muitos movimentos. Mas por que Brasil? O que aconteceu? Claro, você já mencionou alguns aspectos, mas aqui o interesse e a preocupação de se poder estudar Lukács foi se fermentando de uma

maneira particular, com diferenças, é claro, com certo grau de oportunismo, tem tudo isso que sabemos... Mas o Brasil é realmente o país que o acolheu de uma forma diferenciada na América Latina, e por que essa diferença?

Sergio Lessa:

Então, Patrícia, olha, deixa eu dar minha opinião. Eu nunca escrevi sobre isso, nunca estudei, então é opinião mesmo, posso estar equivocado, mas acho que aconteceram no Brasil duas coisas que foram interessantes nesse sentido. Primeiro, a gente tem uma evolução histórica em que o pico do nosso movimento operário, quando o movimento operário brilha pela primeira vez depois da ditadura (naquelas greves de 1978 e 1979, com a formação da CUT, PT, nos anos de 1980), era um momento em que na Europa você já está tendo a ideia do fim do trabalho, o pós-modernismo chegando. E aqui, principalmente no seio da esquerda, você tem um campo muito fértil para dizer: não, espera, a classe operária está aí – ainda que você entenda por classe operária coisas muito diferentes –, mas a classe operária está aí, a luta de classes está aí, né? E quando o Lukács apresenta para a gente a ideia de que o trabalho é a categoria fundante, de que o ser humano se distingue da natureza pelo trabalho e todas as consequências que isso tem, isso dá um instrumento incrível, uma ferramenta para gente se contrapor às teses pós-modernas e se contrapor a todas as teses do fim do trabalho, do fim do trabalho manual, da sociedade pós-industrial.

E para vocês terem uma ideia de como isso era uma coisa maluca, quando eu estou fazendo meu Doutorado na Unicamp, entre 1992 e 1994, tinha um grande sociólogo chamado Vilmar Farias, que foi assessor da Ruth Cardoso quando o Fernando Henrique era Presidente. Era um sociólogo muito considerado e renomado entre os pares, um desses grandes... Ele estava ministrando um curso, eu tinha que fazer o curso com ele... Ele tratava a gente de uma forma assim absolutamente desrespeitosa: “esses dinossauros, vocês não sabem o que vocês estão falando, vocês não têm ideia do que é o processo performático descoberto por Habermas”... Era nesse nível a discussão. A gente não tinha espaço. Eu lembro que uma vez tentei falar: “mas isso que você está falando, como pode existir uma reprodução da sociedade capitalista sem ter a produção na fábrica, a produção na agricultura?” O cara me desbancou numa fala de 45 minutos de não deixar pedra sobre pedra. Era assim que a gente vivia. Lembro que, naquele momento, apresentei para a Cortez um pequeno texto sobre Lukács, sobre a *Ontologia*, coisa pequena, né? Eles responderam: “mas quem quer estudar Marxismo, esse negócio acabou”. A Cortez, tá certo, que estava publicando o Zé Paulo, a Marilda etc. O clima era esse. Então se você tem um apoio teórico sólido, muito resistente, que te possibilita mostrar o furo dos outros, inclusive do ponto de vista metodológico, e defender com muito argumento o que você tem que defender, de tal forma que os outros não têm muito a falar... Eles podem te ignorar, eles podem não te tomar como interlocutor, mas confrontar, eles não vêm. A gente ficou numa posição que eu diria teoricamente muito forte. Estou dizendo a gente: eu, o Ricardo, o Berriel, Maria Orlanda Pinassi, essa patotinha, né? A gente ficou numa posição muito forte!

E como logo em seguida vem o governo Collor, vem o governo Fernando Henrique e começa aquela crise toda... Eu – estou dizendo “eu e Ricardo” porque ficamos um pouco mais conhecidos, mas pega o Berriel, a Maria Orlanda Pinassi, a patota inteira – eu tive um momento aqui na universidade e o Ricardo teve o mesmo problema lá na Unicamp... O chefe me chamou, falou assim: “Serginho, não dá para você ficar viajando assim”. Eu viajava 15 dias por mês, era um convite atrás de outro e eu topava todos. Aí fiz uma negociação com a universidade, eu viajava uma semana por mês. Então todo mês eu ficava uma semana viajando, dando curso, palestra, fazendo lançamento, etc. Então tenho a impressão de que esse contexto histórico em que você tem uma presença da classe operária mais recente do que na Europa e, ao mesmo tempo, a crise que o neoliberalismo jogou a gente na década de 1990, possibilitou que nesse momento as ideias do Lukács tivessem um solo fértil para ser plantado.

E demos sorte, porque a Ensaio, o Chasin, basicamente, tinha cevado a terra para a gente, tinha criado a gente. Então, eu acho que teve essa questão da coincidência de já existir um movimento de investigação do Lukács maduro no país, ainda que muito pequenininho, com mil problemas, etc., numa situação histórica muito favorável para gente, que possibilitou sobreviver do jeito que a gente sobreviveu, né? Eu diria para vocês que, na verdade, no fundo, foi também uma derrota, porque a ideia que eu tinha, o Ricardo, Zé Paulo, quando a gente foi para a universidade, lembrando que todos eles vieram antes de mim... Eu compartilhava dessa ilusão. A ideia é que a crise da sociedade burguesa era tão grande que a gente iria utilizar a universidade para criar intelectuais revolucionários, quadros para os nossos partidos – que eu já não tinha. Veja, eu não criei nenhum militante para valer. A Universidade, de fato, derrotou a gente nesse sentido e, indiscutivelmente, transformou a gente em burocratas acadêmicos se você pegar quem é o Zé Paulo, quem sou eu, quem é o Ricardo: são burocratas acadêmicos, a gente deixou de ser militante há muito tempo, né? Então tenho a impressão de que foi uma vitória da Universidade, sabe, mas, por outro lado, possibilitou que a gente tivesse esse campo na universidade para defender as ideias, mas acho, Patrícia, que o fundamental é essa situação histórica em que você tem um eco da luta operária que ainda continua durante os anos de 1990. Isso fez toda a diferença.

Anuário Lukács:

Gostaria de colocar uma questão que me parece emendar um pouco nisso, na importância da recepção do Lukács aqui no Brasil e a particularidade que ela tem com relação a outros contextos. Aqui, ela não se deu só a partir da Literatura ou da Filosofia. Ela se deslocou, também, para o Serviço Social; talvez isso tenha a ver com esse contexto de decadência da comunidade acadêmica na Filosofia, o que impossibilitaria desenvolver estudos mais robustos sobre a última fase do pensamento de Lukács. Hoje, no Serviço social, existe um espaço para se debater Lukács; parece que nos concursos da área, atualmente, tem na bibliografia aquele livro do Zé Paulo que é fundamentado na ontologia do Lukács. Os estudantes de Serviço Social, mesmo não sabendo a fundo sobre a questão ontológica para a filosofia, ouvem falar de ontologia e é no sentido lukacsiano. Você poderia falar um pouquinho sobre isso, comentando, também, o seu papel, já que você entra em debate com esses outros intelectuais na área do Serviço social de um ponto de vista lukacsiano?

56

Sergio Lessa:

O que acontece é que o Serviço Social é uma área das ciências humanas muito curiosa. Primeiro, o Brasil é um dos únicos países que tem curso de graduação em Serviço social, pós-graduação... Nos outros países normalmente é um curso técnico; depois é possível fazer pós-graduação, mas você não tem uma graduação, como a gente tem aqui. Mas o que tem de *muito* particular no Serviço Social é que a profissão do assistente social é ser a fronteira entre o Estado e a miséria que está aí. Isso torna muito difícil para o assistente social incorporar todas as teses mais conservadoras do pós-modernismo ou o cara vira um burocrata, que vai tratar o miserável como um sub-humano, e a partir daí tudo bem, você pode se transformar num pós-moderno ou então, como no caso brasileiro, em que os assistentes sociais normalmente são classe média baixa, muitos deles vêm também de uma situação de pobreza, de uma situação de carência, etc.: isso faz com que você tenha uma parte da academia que é muito sensível à crítica ao Estado, à incapacidade do Estado de superar a miséria e é muito sensível à dor dos pobres. Isso que vai possibilitar que, em 1978 e 1979, quando você tem as greves, etc., você tem um congresso dos assistentes sociais em São Paulo. A direção nacional dos assistentes sociais era completamente de técnicos vinculados à ditadura e a plateia joga aquele pessoal para fora. Eles nomeiam uma outra direção condicionando o movimento de ruptura. E quem está liderando esse processo são

militantes, a Marilda Iamamoto e Zé Paulo, que vêm do Partidão, mas que vêm – principalmente a Marilda, e o Zé Paulo menos – vêm do movimento popular de Belo Horizonte chamado “Projeto BH”. Então você tem todo aquele nascimento do movimento popular: a luta contra a carestia, o movimento do custo de vida, organização dos bairros, etc. Isso passa a ser, digamos assim, o metro e o compasso do Serviço Social. E aí o Zé Paulo, que é um grande teórico e tem uma capacidade incrível, o Zé Paulo e a Marilda têm um papel decisivo, embora houvesse muitos outros também; depois chega o Carlos Nelson... Eles abrem um campo que, a partir daí, não ser marxista no Serviço Social é um crime. Por marxismo vale tudo, tá certo? Normalmente um Marxismo althusseriano, muito rampeiro. Mas, imagina se você não está a favor dos trabalhadores contra a burguesia, entendeu? Isso era impensável e cria um clima dentro do Serviço Social que possibilitou durante muito tempo que esse fosse o lugar na academia onde se discute Marxismo para valer. Dada a influência do Zé Paulo e do Carlos Nelson, e secundariamente do Leandro [Konder], que teve um papel também, aí entra Celso Frederico, entra o pessoal que é menos vistoso, mas não deixa de ser importante. Com essa influência, vamos dizer assim, faz um caldo cultural, cria-se um clima que é muito favorável à discussão teórica de cunho lukacsiano.

Quando chego na universidade, isso já está entrando em um processo de decadência. O neopositivismo já está voltando a crescer, você tem um pós-modernismo crescendo e mesmo dentro do Serviço social, o projeto democrático – que era o projeto democrático que é “democratizar a democracia para chegar ao socialismo” – começa a ser o projeto democrático petista e aí não tem nada mais de socialismo, e aí começa a ir para direita, então o campo começa a fechar. Eu diria que hoje ainda dá para estudar Lukács, mas em alguns lugares; já não é mais uma forma tão generalizada como era antes. Tenho a impressão de que a tendência com o tempo é fechar. Eu acho que em quatro ou cinco anos, algo assim, o Lukács vai ser jogado para fora, mesmo aqui, tá certo? Tem todo o movimento aqui de um pessoal ligado ao “partidão”, à teoria da dependência etc., mais o pessoal mais conservador, mais a burocracia que tende para isolar Mariana, Sergio Gianna – o pessoal lukacsiano que está chegando. Agora mesmo, teve uma seleção de Mestrado em que o Bruno – que fez um belíssimo texto sobre a política na ontologia, publicou um livro maravilhoso, uma investigação de primeira linha – sequer foi aprovado na primeira fase do doutorado. E ele já é doutor, ele vinha para cá para continuar estudando Lukács. Mas já tem esse nível de barreira, né? Então pode ser que, de fato, daqui a um tempo esse negócio se feche.

Mas, veja, isso não é de todo mal. Porque de fato, dentro da Universidade, a gente não faz teoria revolucionária, a gente faz teoria burguesa, né? Então o fato de a gente ter que fazer fora da Universidade acho que vai possibilitar pra gente uma qualidade superior do ponto de vista revolucionário, científico, filosófico; muito maior do que a gente tem lá na universidade. Então, por um lado fecha a porta, mas acho que, por outro, garante a possibilidade da gente fazer uma teoria de melhor qualidade, sabe? Acho que, se essa geração que vem agora não ficar tão presa na universidade como ficou a minha geração e a geração anterior, acho que vai ser um ganho para a gente.

Anuário Lukács:

Em relação a essas mudanças na recepção do Lukács, gostaria de lembrar uma constatação do Celso Frederico. Ele vai falar que, a partir do momento em que os intelectuais que começaram a divulgar o Lukács aqui no Brasil migram da militância cultural (que caracterizou o período da ditadura), para a questão da política *stricto sensu* (que nas novas circunstâncias era mais premente), isso fez com que o lugar do Lukács também fosse deslocado. A partir desse momento, esses intelectuais redefinem sua militância. A pergunta que fica é *por que* o Lukács

deixou de ser uma referência intelectual nesse momento em que parte do pessoal que o divulgou aqui passa da política cultural para política *stricto sensu*.

Sergio Lessa:

Veja, aí é uma visão e é claro que posso estar enganado. Se você perguntar para o Zé Paulo, certamente ele fala algo distinto, para Ester, provavelmente também, mas a impressão que eu tenho é a seguinte: se você pegar a obra da maturidade do Lukács – estou falando da *Ontologia* e do que estou aprendendo de orelhada da *Estética* (então, *Ontologia* com certeza, e *Estética*, com muito cuidado) –, se você pegar, então, essa obra de maturidade, você tem uma ambiguidade no Lukács. Por um lado, ele está defendendo a tese de que você tem uma contradição entre o capitalismo e a humanidade para a qual a única alternativa é ir para o socialismo, ou a humanidade se destrói. Isso não está com a mesma intensidade que está no Mészáros, mas está lá no Lukács, o processo de alienação vai destruir a humanidade. Mas, por outro lado, ele entende que o socialismo é a União Soviética; portanto, é uma economia de mercado, uma estatização das forças produtivas, partido único – aquela ditadura que tinha lá... Então você percebe que, quando você está fazendo a discussão cultural, na qual a questão fundamental é como que a grande arte faz a crítica da alienação, isso é perfeitamente cabível, mas quando você vai fazer a discussão estritamente política, a partir daí não dá mais para acompanhar o Lukács. Quando chega nesse ponto, a meu ver, as pessoas vão buscar caminhos diferentes. Pegando o caso do Leandro, ele resolveu ir para a escola de Frankfurt; já o Carlos Nelson vai defender que o problema da União Soviética é estritamente político. Do ponto de vista da economia (nisso ele concorda com o Lukács), do ponto de vista do trabalho, da produção material, como ele chama, a transição para o socialismo já foi feita: estatização das forças produtivas, planejamento estatal etc. O que faltava, na verdade, era a transição na esfera política e ideológica; daí a ideia do Carlos Nelson da “democracia como valor universal”, a necessidade de democratizar o socialismo soviético – que era a posição do Lukács. Mas você percebe que isso significa que, necessariamente, você tem que ir para a direita? Porque, querendo ou não, você tem que abandonar a ideia absolutamente central de que se você não mudar as relações de produção, portanto, se você não acabar com o trabalho associado ao capital, se você não fizer uma sociedade em que todo mundo trabalha para todo mundo controlar a produção, distribuir a produção, etc. – o trabalho associado –, se você não fizer esta transição, você está no capital, você não saiu do capital. Então, isso daqui, a meu ver, é que vai fazer com que se aceite que o trabalho é categoria fundante do ponto de vista teórico-abstrato, mas quando trata da questão política, o trabalho é absolutamente secundário, o que de fato determina é se tenho uma planificação estatal e estatização das forças produtivas ou não.

Percebe que, a partir daí, você vai para o plano da política, você acaba discutindo a transição ao socialismo no plano puramente político, você cai no politicismo que a gente ama, você desvincula a política da sua determinação decisiva que vem da economia, que, portanto, vem do trabalho. Veja, o Carlos Nelson morreu comunista, eu não tenho a menor dúvida disso. Mas, do ponto de vista teórico, você vai indo para a direita. Veja, que o Zé Paulo é um comunista, quem é que diz o contrário? Mas se você pegar o que o Zé Paulo vai pensando ao longo da vida, você vê que ele vai cada vez mais para a direita. E é inevitável que seja assim. Porque, uma vez que você adota um pressuposto idealista, no mundo contemporâneo, nesse processo de luta de classe, você não tem outra alternativa. Se vocês lerem o texto que o Zé Paulo escreveu sobre a ditadura, que se chama *Pequena história da ditadura militar* – que é um belíssimo texto, é um texto extremamente honesto, correto –, você vai ver ele elogiando o quanto o “partidão” serviu para fazer a transição, colocando a transição na mão do Tancredo Neves, assim, a continuidade civil da ditadura. Ele acha que isso é uma vitória do “partidão”.

A luta ideológica é uma coisa muito cruel, porque, tal como processo social, que tem uma certa dimensão objetiva que você individualmente não tem controle, a luta ideológica, no plano pessoal, tem isso também. Quando você adota uma determinada concepção política, ideológica, uma determinada concepção de mundo, essa concepção de mundo tem o efeito de fazer a sua individualidade ir em um sentido ou num outro. Existe aí um grau de escolha muito grande, é verdade, mas, uma vez feita a escolha, se você está convencido de que vai ser assim, você vai para a direita. Só para dar um exemplo mais distante da gente, que acho que é mais simples. Se vocês pegarem o Fernando Claudin, um comunista espanhol, que foi da Terceira Internacional, do comitê central do Partido Comunista espanhol, participou da Guerra civil, da luta contra o Franco – é um comunista, tá certo? Quando ele chega à conclusão de que o problema das revoluções é que o stalinismo enterrou as revoluções, e enterrou porque tinha uma concepção autoritária, uma concepção leninista autoritária... Qual é a alternativa para ele? Achar que, se ao invés do stalinismo, houvessem sido os partidos socialistas, sociais-democratas, que não eram tão autoritários, a revolução lá teria dado certo. Quando ele faz essa opção, inevitavelmente ele vai para a direita, ele vai apoiar o PSOE, depois ele apoia a manutenção da Espanha na OTAN: ele vai para direita, não tem saída. E tenho impressão que é isto o que aconteceu, sabe? Que, a partir desse momento, o Lukács só vale mesmo para você pensar a revolução proletária: olha, a questão é a gente transformar as relações de produção, para isso a *Ontologia* serve.

Agora, a defesa que o Lukács faz da União Soviética, a discussão que ele faz de uma forma muito intensa na *Ontologia*, dizendo, uma vez que do ponto de vista objetivo, das relações de produção, o socialismo já tinha sido realizado na União Soviética, o problema de corrigir as distorções na União Soviética e o problema dos trabalhadores no Ocidente não optarem pelo socialismo soviético é um problema meramente ideológico. Meramente é uma simplificação, é um *grande* problema ideológico. Ele vai dizer que é um problema ideológico, porque tanto do ponto de vista capitalista, quanto do ponto de vista stalinista, você tem um processo de manipulação. Veja, a questão central é que do ponto de vista das relações de produção a transição ainda não tinha sido feita, a gente não tinha saído do trabalho proletário para ir para o trabalho associado. Esse foi um baita equívoco que o Lukács cometeu. Bom, a partir daí, vem todas as consequências.

Então, você percebe como é muito difícil, quando você tem uma opção política – no caso que a gente tá conversando, idealista –, você se manter politicamente à esquerda? Então, aí você vai para direita, você tem que abandonar o Lukács. Veja o que vai acontecer com o Chasin. Alguns anos antes dele falecer, ele está apoiando o Fernando Henrique e publica um texto em que ele descobre o idealismo do Lukács, portanto, ele superou o Lukács, ele sabe como superar o Lukács. E, ao superar o Lukács, ele vai apoiar o Fernando Henrique Cardoso e abandona a via colonial. Isso é um texto escrito por ele, os elogios que ele faz a Fernando Henrique Cardoso são absolutamente inadmissíveis, inclusive vai contra o que ele escreveu antes contra a teoria da dependência do Fernando Henrique Cardoso. Então, você percebe, você não tem muita alternativa: você fez uma escolha, escolha está feita, e você vai para direita, não tem alternativa. Isso meio que aconteceu com eles. Então, se você pegar aquele núcleo que estudava *História de consciência de classe* na USP, o Schwarz, mesmo o Fernando Henrique no começo, aquele pessoal, e depois, se você pegar o Carlos Nelson, Zé Paulo etc., todos eles de alguma forma tem que abandonar Lukács. Porque, na verdade, quando vai fazer a discussão teórica, o Lukács não presta mais, presta para fazer a discussão filosófica em algum terreno, percebe? Então ficou um processo muito ruim para o Lukács, eu diria que se ele estivesse vivo, ele estaria sofrendo muito, porque os principais entusiastas da sua obra, os principais partidários das suas teses, quando vão fazer a discussão política, abandonam a posição dele, não vão apoiar a União Soviética e vão para a direita. E quem de fato adota as posições ontológicas dele etc., vai para

esquerda, que vai ser o Mészáros, a gente aqui “ou revolução proletária, ou nada” etc. Veja, o Lukács iria ficar desesperado. Quem ele achava que era mais próximo, foi para a direita, os esquerdistas, que ele sempre disse que eram utópicos, malucos etc., são os caras que mais o estudam, protegem, defendem...

Tem essas coisas, né? Você junta que a gente vive uma onda contrarrevolucionária, que você não tem um processo revolucionário que unifique os revolucionários do ponto de vista prático, mas também do ponto de vista teórico, dizendo “a história está indo por aqui, aqui é o momento predominante, é por aqui que vai”, então surge uma confusão e aí o peso da ideia na cabeça do indivíduo é muito forte. Então, quando o Carlos Nelson, por exemplo, decide organizar as obras completas do Gramsci (foram décadas de trabalho, 12 anos de trabalho) e abandona o Lukács não é à toa. Tem aquela famosa discussão entre o [Nicolas] Tertulian e o Carlos Nelson num encontro em Marília, em 2009, é possível encontrar o vídeo. O Carlos Nelson começa a defender a compatibilidade da ontologia do Lukács com Habermas e Gramsci, e o Tertulian fica enfurecido, se levanta na plateia e diz: “não, isso aí não é possível”. O Tertulian fala em francês, eu não lembro quem traduz para plateia, o Carlos Nelson responde em português e essa pessoa traduz para o Tertulian, vira um debate interessantíssimo entre eles. O debate termina sem acordo entre eles. Passam dois ou três anos, o Carlos Nelson decide escrever um texto para provar sua ideia para o Tertulian, de quem ele era absolutamente comparsa. Dois ou três anos depois, teve o lançamento lá no Rio de Janeiro da reedição do *Estruturalismo e a miséria da razão*, em um Congresso do Serviço Social. Não tinha nada a ver com a discussão em Marília, mas o Carlos Nelson diz em público (porque ele tinha esse nível de honestidade): “ó, o Tertulian tinha razão, eu tentei fazer o texto e não deu certo. Tertulian naquela discussão estava certo”. Essa é a grandeza dos velhos, né? Os caras não têm medo de dizer: “eu estava errado”. Está muito confuso, quer que eu tente sintetizar?

60

Anuário Lukács:

Se você quiser juntar nessa síntese algo que apareceu na resposta anterior e que é importante na recepção do Lukács, que é o problema de “democratizar a democracia para poder passar para o socialismo”. Acaba que a democracia é a sinuca de bico aí, de alguma forma, né? Talvez ela seja o que alimentou muito tempo o interesse das pessoas pelo Lukács, já na época da ditadura...

Sergio Lessa:

Essa discussão é muito legal, tinham que estar aqui o Carlos Nelson e o Zé Paulo. Eles conseguiriam dar uma resposta muito melhor do que a minha, porque eles viveram isso. Eu peguei isso da história, do passado, né? Sou da geração seguinte. Mas veja o que acontece, é muito curioso isso. Durante a ditadura, o que está sendo lido do Lukács aqui no Brasil é “Narrar ou descrever”, os textos sobre Goethe, os estudos sobre Thomas Mann e a *Estética*. Isso é o que está sendo discutido. E a discussão é sempre assim: olha, a gente está discutindo do ponto de vista de realizar a transição para o socialismo. Nesse momento, por causa da ditadura, ninguém discutia abertamente a transição para o socialismo; falavam de uma sociedade mais justa, uma sociedade em que os trabalhadores sejam escutados, algo assim, tá certo? Mas, nesse momento, toda a discussão a respeito de que existe um processo de alienação na sociedade... O que, digamos assim, de uma maneira pouco exata, namora Marcuse, a Escola de Frankfurt, essas correntes psicológicas mais à esquerda: você tem um processo de destruição da individualidade, essas relações de produção mercadológicas, que só pensa em dinheiro, né? Isso tudo gera um contexto em que a questão da alienação era a questão central. E aí a questão da democracia não entra tanto, porque isso era dado mais de barato. Uma sociedade não alienada tem que ser uma sociedade democrática, percebe? É uma coisa óbvia: quem é que vai pensar numa sociedade não alienada que seja uma ditadura? Então, nesse momento, o que de fato está

entrando do Lukács é toda aquela discussão que ele está fazendo a respeito da estética como um momento importante da construção do gênero para si. Lembram? Toda a construção do gênero para si, de como você tem um processo de desenvolvimento do para si da humanidade, de como a arte é um processo de refletir do ponto de vista da afetividade humana e que tem toda a relação com a racionalidade. Então você tem todo um processo que está centrado na questão da alienação. E aí Lukács fazia festa.

A questão da democracia em Lukács entra depois que sai a *Ontologia* e depois que é publicado um texto pequeno dele, chamado *Socialismo e democratização* na edição brasileira. Em alemão é “Democratização hoje e sempre” [*Demokratisierung heute und morgen*]. Não me lembro se foi publicado pela primeira vez na França ou na Itália, mas foi depois da morte do Lukács, eu tenho a impressão de que foi em 1978 ou 1979. Na primeira parte desse texto, ele comenta as misérias da democracia burguesa. E aí ele está com Marx, *Sobre a questão judaica*. E na segunda parte ele comenta o que seria a democracia socialista. E a democracia socialista para ele – se vocês forem ler o texto, vocês vão ver que eu não estou mentindo –, é uma coisa muito simplória, seria assim: os burocratas concordarem em fazer uma rotatividade dos cargos, não ficar o mesmo burocrata o tempo inteiro; os burocratas deixarem que os moradores numa rua escolhessem onde ia ficar a farmácia da rua. Era isso que ele imaginava que era a democracia socialista e o resultado disso é que, pela primeira vez, você tem de uma forma explícita, dito com todas as letras pelo Lukács que o problema decisivo da União Soviética era o problema da democracia. Ele escreveu esse texto em 1968, logo depois que teve a Primavera de Praga. Lembram, né, que você tem a entrada dos tanques soviéticos na Tchecoslováquia... Ele escreve esse texto para o Comitê central do Partido Comunista húngaro, que segura esse texto e não deixa publicar, e só permite publicar esse texto lá na frente, quando a crise do “socialismo real” já era tão grande que esse texto do Lukács – que é um texto de defesa da ordem soviética – conta a favor deles e não mais contra. Então, é só a partir daí, tanto quanto eu sei, que a questão da democracia e da democratização ganha essa dimensão enorme. Isso coincide com a visão que o Zé Paulo tem, que o Carlos Nelson, o Leandro, que o pessoal do “partidão” em geral tem (muito influenciados pelo eurocomunismo) de que a questão decisiva do capitalismo é que ele vá se democratizando cada vez mais, até que um dia você acorda no socialismo – que é a visão reformista que eles têm. Foi nesse momento que o Carlos Nelson escreveu *A democracia como valor universal*. É nesse momento que a questão pega. Então eu não sei se nessa imigração para fora do Lukács essa questão teve um peso tão grande... Eu acho que vai ter depois. Mas daí o Zé Paulo já estava fazendo o que estava fazendo na política, o Carlos Nelson já tinha entrado no PSOL, já estava escrevendo *A democracia como valor universal*, o Leandro já tinha abandonado o marxismo e estava na Escola de Frankfurt, eles já tinham migrado para aí. Agora Schwarz, Paulo Arantes, esse pessoal da USP já tinha ido para a direita há muito tempo. Não quer dizer que não sejam intelectuais consideráveis, mas de revolucionários não tinham nada, né? Então, esse termo da democracia eu acho que entra na discussão via Lukács um pouco depois.

Agora, você tem razão quando você diz que, naquele momento, você entendia o processo de combate da alienação como tendo um caráter fortemente democrático, isso é verdade. Mas vinha junto, percebe, não estava em primeiro plano, é algo que estava subentendido. O que me vem à cabeça como exemplo: se você pegar os textos que o Carlos Nelson escreveu sobre Graciliano Ramos, os estudos de estética, da literatura brasileira que ele fez etc., você vai ver que o pressuposto político daquilo tudo é que uma sociedade não alienada é uma sociedade democrática. Depois, quando o Brasil vira democrático isso complica, né? Porque já não é a democracia que vai superar a democracia burguesa, mas é a democracia burguesa levada às últimas consequências. O problema se explicita. É incrível, né, como a luta ideológica e a

cabeça das pessoas... O Pedro Pomar, o velho dirigente do PCB dizia: a alma humana é obscura. Tem algo assim, entendeu? É muito maluco os caminhos que as cabeças das pessoas dão.

Anuário Lukács:

Estava pensando nos últimos anos, no que estamos vivendo... A questão democrática ressurge como uma salvação. Para confrontar um pouco todos os movimentos que estão acontecendo, seria necessário aprofundar muito. Acho que ainda não temos muitos elementos para poder entender melhor o avanço da ultra-direita e a crise principalmente do campo da esquerda, mas não só da esquerda, poderíamos dizer, do socialismo também. Acho que precisamos de tempo para aprofundar um pouco esse fenômeno da “rapidez”, da fugacidade de como as coisas estão se dando e de como se apresenta essa defesa da Democracia frente aos movimentos que trazem retrocessos e destroem com virulência os vínculos necessários. Então, é claro, a democracia volta a aparecer como uma necessidade urgente. Estava pensando que, em comparação com o que você estava falando, está tudo mais difícil. Nesses tempos que você estava comentando ainda haveria como recuperar o sujeito revolucionário que tenha uma compreensão “além”, que aprofunde a transição da democracia que não signifique um etapismo. Como identificar o sujeito revolucionário hoje diante do que estamos vivendo? Não estou falando como uma derrota, mas de uma maneira realista para poder entender quais são os campos de possibilidade. E eu diria, apesar de tudo, que Lukács pode nos dar muita ferramenta para isso, ferramentas teóricas e práticas. Mas, como reorganizar e reconstruir esse sujeito revolucionário frente a uma democracia salvacionista e desesperada com esses avanços tão rápidos da direita, da ultra-direita, de reorganizações, não diria massivas, mas de uma barbárie em sua máxima potência, digamos?

62

Sergio Lessa:

Patrícia, eu acho que para responder essa questão a gente vai ter que esperar um pouco de tempo. Acho que hoje não tem solução. Veja, tanto quanto eu consigo enxergar e a chance de eu estar errado é enorme. Se a gente pegar o que aconteceu no mundo dos anos 1970 para cá, é muito impressionante: ocorre um processo de transformação muito intenso nos anos 1970 e 1980, que aqui no Brasil deu nas greves de 1978 e de 1979, fim da ditadura; na Argentina também. Depois vem o neoliberalismo e o liberalismo está fazendo um processo de transformação muito intenso na economia, na sociedade. Eu estou participando de um estudo agora sobre a questão da classe operária brasileira, sobre o que aconteceu com a classe operária brasileira nos últimos 20 ou 30 anos. Então, estou estudando um pouco de economia brasileira e um pouco da latino-americana também por tabela, mas é incrível o processo de transformação; em 10 anos se alterou o panorama econômico do país, mas assim, não é que só se alterou o processo de descentralização das indústrias, que deixam São Paulo, vão para o interior de São Paulo, vão para o Paraná, vão para o Pará, não só isso... Você altera profundamente a produção de rede no interior do Ceará, a produção de castanha de caju no interior do Maranhão (eu estudei isso...), se altera tudo, nada mais, *nada mais fica como era*. Mesmo aquele trabalho aparentemente artesanal passa por um processo de “reestruturação produtiva” ao seu modo, né? E isso significa um processo de transformação muito grande. Tal como foi o processo no Brasil durante a ditadura militar no milagre brasileiro.

Isso gera contradições sociais que vão explodir, mais cedo ou mais tarde. Eu acho que mais cedo do que mais tarde, porque a situação está ficando escabrosa. Mesma coisa na Argentina agora. Você tem um processo rapidíssimo de transformação que vai reaglutinar as classes sociais, certamente vai modificar a feição da classe operária – não vai acabar com a classe

operária, vai modificar a feição da classe operária (onde ela está, como ela trabalha). Isso tudo tem como consequência esse produto político. Mas isso leva as contradições a um patamar muito mais elevado. A crise do capital hoje é de tal ordem, você produz, de um lado, tanta riqueza e, de outro, tanta miséria, que as contradições não param de crescer cotidianamente. Então, eu diria para você: neste momento não tem como a gente resolver teoricamente um problema que a história não resolveu ainda. Só quando você tem as tendências históricas, você consegue elevar elas em categorias teóricas, mas sem você ter essas tendências históricas em andamento, você não pode inventar história da cabeça; então, o que você pode fazer é isso: como é que está a classe operária hoje? Isso dá para fazer. Agora dizer qual será o sujeito revolucionário que fará a próxima revolução? Em larga medida é uma hipótese. Primeiro, quem disse que terá uma revolução? Não está garantido. Em segundo lugar, se tiver uma revolução que faça a transição que supere de fato capital, não pode ser como as revoluções passadas. Porque elas não conseguiram superar o capital. Terceiro lugar: tudo indica que a classe operária, pelo lugar que ocupa no processo produtivo, pelo fato de produzir todo o capital, continua sendo a peça-chave desse processo revolucionário, portanto, a classe revolucionária por excelência. Mas ela sozinha não é capaz de fazer a revolução, ela hoje é cerca de 10 a 12 por cento da força de trabalho. Ela é numericamente pequena; ela tem uma potência histórica muito grande, mas numericamente é pequena. Quais são os setores assalariados que podem vir para um projeto revolucionário? Depende de como a história andar, de como se der a crise ideológica, de como se der a crise social. Então diria que esse é um problema que a gente pode se colocar, mas que a gente não pode resolver, porque, de fato, é quase uma quadratura do círculo, né? Como você vai descobrir as tendências históricas que ainda não se fizeram presentes na história? Então, eu diria que nesse momento o que a gente pode fazer é consolidar a crítica ao presente, investigar como estão as tendências que estão operantes, mas não são as tendências revolucionárias. A gente está em pleno período contrarrevolucionário. Mas isso pode se alterar do dia para noite, as contradições são de tal ordem e o que caracteriza um processo revolucionário é que ele vem de uma forma inesperada, nenhuma revolução foi preparada. Golpe de estado se prepara, a revolução não. É um processo que tem um grau de espontaneidade muito grande, então pode ser que, enfim, terminada essa entrevista, a gente olha o jornal e... Aí ó, está pegando fogo em São Paulo, no Maranhão as trabalhadoras de castanha já não estão mais entregando o produto para o patrão, enfim...

Mas é muito impressionante: tem um estudo feito sobre a produção de rede no interior do Ceará; pessoal, é inacreditável como acontece a reestruturação produtiva lá, como o toyotismo chega lá, com máquinas que na década de 1960 já eram velhas. São máquinas que eles compraram das fábricas de rede de São Paulo na década de 1960, porque São Paulo estava jogando no ferro-velho: eram máquinas que não prestavam mais. Estão lá no Ceará, produzindo toyotisticamente. É muito louco! E como você tem todo um processo de exploração dos trabalhadores, né? De apropriação da mais-valia tal que vai se intensificando cada vez mais... Acabei de ler uma tese em que uma pessoa comenta o processo de terceirização e flexibilização dos *executivos*, não é dos trabalhadores, mas dos executivos. E é muito interessante, porque você tem entrevistas com os executivos, e eles narram algo muito similar ao que os operários narram, mas a tese deles é nada, é completamente contrarrevolucionária, né? A questão é de competência, a questão é você saber vender o seu produto. Mas um deles diz: “olha, um quarto do que eu ganho, gasto com roupa, aparência, *site*, porque eu tenho que vender o meu produto”. É uma loucura, ele tem que se vender. A gente não passa de uma mercadoria, *ele* dizendo isso, tá certo? E numa situação difícil, né? Porque você tem que trabalhar 24 horas por dia, não tem tempo para a família, para fazer um trabalho em casa. Um trabalho precário, muito precário, e executivos, tá certo! Então, eu fico cada vez mais otimista, acho que a burguesia está cavando um buraco e ela vai cair dentro. Eu espero viver mais alguns aninhos para ver, porque nossa. Porque os erros que a

burguesia tem feito; erros assim, ela não tem alternativa. Tem que seguir o capital, mas as contradições que ela está gerando são de tal ordem... Olha, agora o Trump pode voltar para os Estados Unidos, o Trump pode vencer a eleição nos Estados Unidos. É o Nero, né? Esse cara vai tacar fogo em Roma.

Anuário Lukács:

Tem outra questão que eu gostaria de trazer que tem a ver com a recepção do Lukács, de uma certa maneira, mas também com debate sobre a crise da esquerda, a morte da esquerda. Eu queria colocar isso em paralelo com o problema do Lukács da renovação do Marxismo. Não me recordo de ele usar a expressão “crise da esquerda”, mas a ideia da renovação do Marxismo acho que parte, sim, de um diagnóstico de crise. Nesse contexto de uma crise de esquerda, qual é o lugar do Lukács? Você disse que não é na universidade, né? Porque, por um lado, a gente vê que tem grande número de publicações sobre Lukács, isso chama a atenção; muito artigo sendo publicado, muita gente estudando e tal. Por outro, tem, digamos, esse horizonte meio complicado para a esquerda que você foi delineando ao longo da entrevista...

Sergio Lessa:

É muito interessante. São muitos “se”, tá certo? Se o Lukács estivesse vivo e morasse no Brasil, provavelmente ele estaria no “partidão” hoje, o PCB seria o partido natural dele, digamos assim. Mas o PCB, hoje, é um partido que não tem nada a ver com o Lukács. Não só não publica Lukács, não só não estuda Lukács, não só não adota as teses do Lukács, como é um partido que hoje está muito mais próximo do Ruy Mauro Marini da PoLop, da teoria da dependência etc.; que, digamos assim, é um misto entre um liberalismo de esquerda e um trotskismo mal resolvido – na minha opinião pelo menos, muita gente vai discordar disso. Mas, veja, hoje em dia, aqui no país pelo menos, quem defende o Lukács mais duramente é o núcleo de Alagoas, com algumas extensões, e a gente é acusado de ortodoxo por causa disso, né? Acho que chamar a gente de ortodoxo é um elogio. Porque a ortodoxia, vocês sabem disso, diz respeito aos princípios, quer dizer que os princípios são compatíveis entre si. O oposto da ortodoxia é o ecletismo, quando os princípios não se coadunam entre si. Mas acho que eles querem dizer, na verdade, que a gente é dogmático, o que é diferente; eles confundem ortodoxia com dogmatismo. Eu não acho que a gente seja dogmático, não conheço tudo que foi feito e posso estar enganado. Mas não conheço, por exemplo, texto crítico à *Ontologia* mais forte do que os textos que eu e o Ivo temos feito, tirando o Mészáros, que tem uma crítica dura à *Ontologia*, muito dura, até agora a crítica melhor estruturada. Não acho que a gente seja dogmático, mas onde que está isso? Na extrema-esquerda, na extrema-esquerda da extrema-esquerda, né? Hoje em dia faço parte de um agrupamento político que se chama “Comitê de emancipação do proletariado”, que é um agrupamento muito pequenininho, que junta algumas organizações de esquerda e que é da esquerda *da esquerda da esquerda*; a gente não apoia o PT, a gente não apoia PT contra Bolsonaro, Lula contra Bolsonaro, a gente propõe a revolução. Então, aí o Lukács tem lugar, aí a tese de que o fundamental é a gente transformar as forças produtivas e, portanto, o trabalho é fundante, aí essa tese tem todo lugar, mas na universidade não tem mais, porque na universidade tem que ser: “olha, nós temos que encontrar uma alternativa política, a gente não pode fazer uma crítica muito dura ao Lula hoje, porque senão a gente vai apoiar o Bolsonaro afinal de contas”. A ida pra direita do governo Lula é justificada porque tá tirando votos do Bolsonaro, essa é a ideia dos caras.

Nesse cenário diria que o lugar que sobrou para o Lukács não é entre os partidos comunistas (PCdoB, PCB, PSTU). Esses daí não têm nenhum interesse no Lukács mais. Sobrou na extrema-esquerda, e essa extrema-esquerda que, apesar de muito pequenininha, é muito barulhenta. Então está dando para fazer coisa, né? Acho que, nesse sentido, a veia

revolucionária do Lukács, com essa coisa da renovação do Marxismo, de voltar para o Marx, da questão do trabalho como categoria fundante, o momento predominante na reprodução social... Toda essa questão – ideologia, alienação, essa coisa toda, né, está viva pela esquerda da esquerda e não por essa esquerda institucionalizada. Eu diria que isso é sinal da crise. Ao mesmo tempo que no campo conservador você tem o fortalecimento da extrema-direita, você tem no campo da esquerda o crescimento da extrema-esquerda, ainda que um crescimento muito pequeno, muito limitado etc. Mas no momento de crise as coisas se polarizam e o centro perde substância, ele se dissolve feito leite Glória, não precisa nem bater... O centro mais conservador (digamos PSDB, o antigo PFL etc. e do outro lado PT, PSOL) vai se desmilinguindo. O que vai ganhando densidade são os polos da extrema, né? Isso é típico de uma crise profunda, de uma crise mais séria.

Eu vejo assim: hoje, se a gente olhar, os agrupamentos de esquerda – eu diria sem nenhuma frescura – a maioria desses agrupamentos se transformaram em instâncias em que você tem uma reprodução ampliada de ignorância a cada geração que passa, cada geração de militantes é mais ignorante que a anterior. Isso significa não só perder a história, não só perder os clássicos, mas também perder pensadores como o Lukács, por exemplo. Hoje o militante de esquerda típico sequer lê jornal. Não estou dizendo não estuda, sequer lê jornal. É um processo que, com essa decadência toda, o Lukács não tem lugar; tem lugar na esquerda da esquerda da esquerda. Em parte, acho que foi isso que possibilitou a gente sobreviver nesse meleio ideológico com um certo conforto pessoal, ganhando certo salário, com um certo reconhecimento da Universidade burguesa... Porque, de fato, na extrema-esquerda, ainda tem necessidade, tem espaço e tem possibilidade de um pensamento ontológico radical – já que estamos entre lukacsianos. Mas é curioso isso, né? Adoraria acordar daqui a 50 anos para ver como ficou esse período, como esse período amadureceu com o tempo, como a história sedimentou esse período... Ah, que momento fascinante que a gente vive, apesar de tudo, apesar de Gaza, das loucuras todas que estão acontecendo, a loucura da Argentina... Mas é a burguesia cavando seu buraco, o céu caindo na cabeça da burguesia. Vocês já leram Asterix e Obelix? Ah, podem ler, vão atrás, é uma história em quadrinhos sobre dois gauleses que enfrentam os romanos, é muito legal. O chefe deles, o indomável Abraracourcix, só tem medo de uma coisa: de que o céu caia na cabeça dele. Então é isso, o céu está caindo na cabeça da burguesia e ela está em pânico, está em desespero. Você pega as teses da FGV, desse pessoal mais da economia; o desespero deles, eles estão tentando sistematizar, fazer modelo, fechar não sei o quê – eles sabem que não funciona, mas é o desespero, eles sabem que não funciona. A tese termina: “procuramos fazer, quem sabe isso possa ter alguma contribuição”, eles sabem que não fizeram nada. É muito louco, é muito louco.

Anuário Lukács:

Eu ia te perguntar como seria se o Lukács estivesse vivo agora, mas eu acho que tu falou um pouquinho, então...

Sergio Lessa:

É, tenho a impressão de que ele iria pro “partidão”. Mas, se o Lukács vivesse o fim da União Soviética, para ele isso teria sido a reversão de tudo que ele entendeu do século XX. Vocês sabem que o Mészáros doou para Unicamp a sua biblioteca, os seus arquivos pessoais e lá tem as cartas que Mészáros e Lukács trocaram. As cartas que Lukács recebeu [do Mészáros] estão na Hungria. Seria interessantíssimo pegar essas cartas e ver como é que eles discutiram a política. Porque o Mészáros sai da Hungria em 1956 dizendo “isso aqui nunca foi socialismo e nunca vai ser”. Já o Lukács diz: “vou ficar aqui porque isto aqui é o Socialismo e é por aqui que passa a história”. Então eles têm visões inteiramente distintas, né? Como eles foram

discutindo isso até o Lukács morrer no comecinho em 1971? Como isso foi? Vai ser interessantíssimo da gente ter. A Donatella, que era a companheira do Mészáros, dizia que a correspondência deles era um catau, sabe? Então uma hora alguém terá que fazer aquele tratamento de separar o que é muito pessoal etc. e pegar a discussão e tal. Porque isso será de uma riqueza e tá aí, tá na Unicamp. Falta eles ganharem o dinheiro necessário para colocar isso de pé e as pesquisas poderem começar. Tenho a impressão que eles escreviam em húngaro, tenho a impressão “que”, mas não tenho certeza, vai que era em alemão? Pode ser também... Mas não tenho certeza. Ou vai que era uma mistura como faziam Marx e Engels, eles escreviam em alemão, inglês e francês.

Anuário Lukács:

É, porque se estiver em húngaro é mais difícil de fazer isso, mas... é um trabalho importante.

Sergio Lessa:

Se estiver de fato em húngaro e valer a pena, é alguém com 30 anos estudar húngaro 4, 5 anos, se dedicar até chegar aos 40 e colocar isso de pé, né? É a obra de uma vida, justifica uma vida, porque vai ser muito interessante. Não pode ser aos 20. Estou dizendo isso porque normalmente as pessoas mais jovens têm mais dificuldade em fazer um projeto a longo prazo. Mas a partir dos 30 já dá para fazer.

Anuário Lukács:

A “via prussiana” é um conceito que aparece no Marx, no Lênin e o Lukács também utiliza. Ele foi importante para as discussões no Brasil acerca da formação social brasileira e de como era a política no Brasil. O que você acha disso, tendo em vista as diferenças entre a formação social brasileira e a alemã (considerando também os desdobramentos na “via colonial” por exemplo)? O que você acha que a incorporação desse conceito da “via prussiana” traz de contribuições para a crítica brasileira, o que você acha que ela traz de equívoco?

66

Sergio Lessa:

O que tem de muito positivo é que, já com Marx e Engels, e depois com Lênin e a tradição que vem em seguida, depois com Gramsci, quando você abre a possibilidade de discutir o processo de desenvolvimento do capitalismo fora dos centros imperialistas tradicionais e ver como que isso se esparramou pelo mundo... Então você vai pegar não só o caso do México, da Argentina, do Brasil, mas você está pensando no Irã, está pensando na Índia, está pensando na China... Quando abre essa possibilidade, você tem duas coisas que são absolutamente centrais: primeiro, certamente, o desenvolvimento do capitalismo é no sentido de transformar o planeta num planeta capitalista, regido pelo capital; mas, para fazer isso, como você está tendo o desenvolvimento das relações de produção capitalistas em países que têm relações de produção, relações sociais, culturais etc. muito distintas, isso significa que seu ponto de partida para desenvolver o capitalismo é muito distinto, e, portanto, o capitalismo terá diferenças. Veja, se a situação histórica da Inglaterra, Alemanha, Itália, França etc., já faz com que nesses países você tenha capitalismo diferentes, ainda que todos sejam capitalistas, imagine se você pegar um país como o Peru, como o Brasil, como a Índia, percebe? Quando começa a se discutir a “via prussiana” para valer, pela primeira vez se abre a possibilidade dentro do pensamento marxista de discutir a particularidade do desenvolvimento das relações de produção capitalistas em cada nação, em cada país. Isso é a coisa mais positiva que tem.

A outra coisa muito positiva é que mantém a ideia: olha, tá bom, é um capitalismo que segue uma via diferente, mas continua sendo capitalismo, a essência é capitalista. Então tem uma forma diferente de realizar a mesma essência, de se constituir a mesma essência ao longo da

história. Quando chega no caso brasileiro, a coisa fica muito mais confusa. Quando você tem a discussão que começa lá nos anos de 1930 com o Caio Prado Júnior, um pouquinho depois o Nelson Werneck Sodré, você começa toda aquela discussão que vai ter depois o Sérgio Buarque de Holanda, quando você pega o Gilberto Freyre... Esses pensadores estão partindo do pressuposto de que o processo de desenvolvimento das relações capitalistas no Brasil etc. está se amadurecendo a partir dos anos de 1930 – o que é verdade –, começa um processo de industrialização – o que é verdade – e uma boa parte dessas teorizações está apostando na possibilidade de um processo de industrialização que gere uma burguesia nacional que tenha tal contradição com imperialismo que possibilite a aliança desta burguesia com os trabalhadores e a classe operária para fazer uma sociedade capitalista sob o controle de uma frente anti-imperialista que seja burguesa, camponesa, proletária, dos trabalhadores, contra o imperialismo. E isso vai garantir a soberania nacional, desenvolver as forças produtivas e abrir a possibilidade para o socialismo. Isso aí foram todas as principais teorias desenvolvimentistas, progressistas, revolucionárias que vigoraram no Brasil desde, eu diria, final da Segunda Guerra Mundial até a derrota da luta armada em 1973 e 1974. O grosso da esquerda está pensando assim. Então, você percebe que o tempo inteiro é você pensar a particularidade do capitalismo nacional do ponto de vista da necessidade, da possibilidade de uma etapa democrática que junte proletariado e burguesia (ainda que não seja toda burguesia, mas a burguesia nacional) com campesinato etc. para fazer um país que desenvolva o mercado interno; portanto, que pague salários melhores; que, portanto, faça a reforma agrária etc. etc.

O que vai acontecer, na verdade, é que o processo de desenvolvimento das relações capitalistas no país para valer vai acontecer durante a ditadura militar. Vão ser os anos do Milagre, o que é uma loucura. O que acontece no país de 1966 a 1973 é uma coisa inimaginável para nossa escala de hoje, tá certo? O país finalmente se torna um país fordista, entram grandes empresas fordistas e surge uma classe operária – que é a primeira *classe* operária para valer que a gente tem, fordista, com aristocracia operária etc., concentrada em grandes plantas industriais... É a primeira classe operária que a história do Brasil tem para valer. Se vocês pegarem a história do Brasil todinha, se vocês tirarem a greve de 1917, a gente nunca teve uma barricada nesse país. Eu não estou dizendo uma revolução, *a gente não teve uma barricada*, nenhuma! Nem no primeiro de maio de 1980 – que provavelmente foi a manifestação de maior confronto com a ditadura, com o exército etc. – teve barricada. Veja, é um proletariado tão recente e é um proletariado tão imaturo que nem um Cordobazo, como na Argentina, a gente teve. Então, quando você vai pensar esta realidade... Veja, o Carlos Nelson Coutinho vai entrar com a via prussiana (é o grande cara que vai pensar nisso) e o Chasin vai entrar com a via colonial; se você pegar os dois, a diferença é *muito* pequena. A diferença é que o Carlos Nelson está dizendo que devido ao desenvolvimento da via prussiana etc. etc. etc., a transição ao socialismo no Brasil vai se dar através de uma aliança com a burguesia democrática e esta aliança é que abre possibilidade de transitar ao socialismo. E o Chasin vai dizer: não, não é isso não. Vai ser uma transição entre todos os setores democráticos da sociedade, o que exclui em larga medida os trabalhadores, o movimento popular daquele momento que eram socialistas de algum modo, comunistas de algum modo. E que ela vai ser uma vertente que vai ser uma modernização conservadora, digamos assim, que é aposta que o “partidão” faz. Então, do ponto de vista político, tinha divergência entre eles, mas do ponto de vista da concepção, é muito parecida. O Chasin, na via colonial, vai defender com todas as letras a existência de um governo dos trabalhadores que administra uma economia que é capitalista. Veja, a ideia de que o capital é incontrolável, “ou você destrói o capital, ou então babau”, essa ideia só vai entrar no debate brasileiro para valer com o Mészáros no final da década de 1990. Até ali, a gente ainda achava que os problemas da revolução eram problemas políticos, as revoluções passadas não tinham dado certo pelos equívocos políticos, ideológicos. E que você pode perfeitamente ter um

governo revolucionário que controle o capital, que através do estado e da política controle capital. A gente só vai descobrir o equívoco disso com o Mészáros tempos depois.

Então, eu diria que essa discussão toda tem *enormes* méritos, porque o que a gente conhece na história do Brasil, as melhores investigações foram feitas nesse debate, ao redor desse debate. Você pode pegar o que o Jacob Gorender escreveu, é por aí que o debate vai, né? Se vocês pegarem o texto muito interessante que o Mário Maestri publicou três ou quatro anos atrás, *Revolução e Contra-revolução no Brasil*, é uma grande história do Brasil, no nível do Caio Prado Júnior. Tem coisas que eu não concordo, mas a história é muito legal, o cara é um grande historiador. Ali esse debate também está envolvido. Então, eu diria que esse debate para nós hoje é de uma enorme riqueza, porque eles escavaram informações e processos da história brasileira a que a gente não teria acesso de outra forma. Mas é uma discussão muito limitada, porque parte do pressuposto de que, dado o desenvolvimento – que o Chasin chamava de “desenvolvimento atrofico” –, dado o desenvolvimento incompleto da burguesia, do proletariado e do capital tem que ter uma etapa democrática. Quando é o contrário: justamente porque o país está atrasado, justamente porque tem essas contradições, ou a gente supera o capital, ou a gente não supera essas contradições em hipótese alguma. Mas isso era algo impensável naquele momento. Só vai ser possível a gente pensar para valer depois que o Mészáros publicar o *Para além do Capital*, que começa a ter uma boa repercussão no Brasil – uma discussão dos últimos 20 anos, uma discussão muito recente ainda. E, claro, com todos os problemas da democracia brasileira, da enorme frustração que a democracia causou mesmo entre os que lutaram pela democracia no passado, né?

Eu não sei se vocês viram, agora o Lula proibiu qualquer manifestação sobre 1964. Tem uma família que se chama Petit Silva, dela sobrou uma irmã, e eles tiveram uma irmã e um irmão que morreram na Guerrilha do Araguaia. E acho que se chama Laura Petit a que sobrou. Ela deu uma entrevista na Folha de São Paulo dizendo: olha, está sendo uma enorme decepção, a gente achava que depois de Bolsonaro, o Lula ia de fato abrir os porões da ditadura, abrir os arquivos... É uma ilusão atrás da outra, e, portanto, um desencanto atrás do outro, né? Eles não entendem que a base social, a classe social do Lula e do Bolsonaro não é exatamente a mesma, mas elas coincidem em larguíssima medida. Do ponto de vista de classe, são da mesma classe, representam o mesmo capital, com diferenças, porque no capital também há diferenças. Mas, do ponto de vista de classe, um é a continuidade do outro. Aí você gera tanta ilusão, tanta ilusão, que até os democratas mais democratas vão ficando desencantados. E aí isso repõe a discussão toda, né, de que a transição para a democracia não foi a antessala do socialismo. A transição para a democracia foi a antessala do neoliberalismo e desse capitalismo que está aí hoje, da reestruturação produtiva, do caos que está no país hoje. Então, você percebe, não tem como a gente dizer que foi besteira, porque era o melhor que dava para fazer, e foi muito bem feito, né? A gente está falando de grandes pensadores: Otávio Ianni, Florestan Fernandes, Chasin, Gorender, Caio Prado... Na nossa geração não tem *nada* semelhante a isso, todos eles grandes pensadores. Não dá para a gente pensar o Brasil sem você estudar profundamente esses caras. Mas claro que é um limite que a história foi mostrando. Lembra: a existência determina a consciência? Eles também foram determinados por aquele momento histórico. É bonito, né? Quando você olha assim, é muito legal, você vê a história em andamento. Nada está parado, nada está parado. É isso que tá acabando com a burguesia.

Anuário Lukács:

Sergio, não me lembro se é em *Notas para uma Ética* onde você faz uma bela introdução e fala algo impressionante: sempre digo para todos lerem você falando sobre a “interdição do futuro”.

Sergio Lessa:

Interdição do Futuro? Eu já sei do que você está falando, isso é do Mészáros, viu, não é meu. O Mészáros vai dizer o seguinte: dada a intensidade da crise do capital e dada a urgência que o capital tem de resolver no dia os problemas que ele tem, porque senão você tem a ruína de todo o sistema; para o capital, o futuro não existe mais, só existe o presente, ele não pode pensar para o futuro. E isto se reflete no pós-modernismo, nas concepções ideológicas que brotam dessa necessidade cotidiana de você não poder pensar no médio e no longo prazo para manter a economia girando, você pensa no curtíssimo prazo, nesta semana, no mês que vem, né? Tem um texto do Galbraith, lembra? Aquele economista americano, velho, quer dizer, já morreu. Mas, na década de 1970, mais ou menos, ele já estava velhinho, ele escreveu um texto (não lembro onde que é...) em que diz: nos anos de 1930, olha quando eu era economista, a gente fazia planejamento de anos. Depois passamos a fazer planejamento de semestre, agora a gente faz de semana. E quem é louco de fazer qualquer planejamento no mercado de ações que não seja para o dia de amanhã? E aí a humanidade sem futuro também é uma humanidade sem passado, né?

Anuário Lukács:

Eu estava pensando um pouco, também, no que vemos nas novas gerações, nesse desinteresse tanto pelo passado como pelo futuro. Seria, na verdade, um questionamento: o que seria o futuro?

Sergio Lessa:

Veja, se a gente olhar sensatamente, o futuro vai ser o período mais sombrio da história da humanidade. Nós estamos destruindo a nós próprios. Se você pegar as ficções científicas, não tem nenhuma ficção científica que não diga que o futuro é um horror, a humanidade sabe que está se autodestruindo. Isso é muito, muito maluco. Se você pegar ficção científica dos anos de 1950 – apogeu do stalinismo, apogeu do fordismo etc. –, o que você tem na ficção científica é Flash Gordon, o bem vencendo o mal, a ciência vencendo a doença, tá certo? Veja, acabou! Agora você tem Mad Max, Matrix, Dune. Então, a humanidade sabe que está se destruindo. Você pega um jovem que olha para o futuro e a única coisa que ele tem certeza é que o futuro vai ser pior do que o presente – que já não presta –, o que esse cara quer pensar? Quer esquecer que o mundo existe, quer beber, usar droga... O que você pode oferecer para essa pessoa? O que o mundo pode oferecer para ele, senão tragédia e desgraça? Você percebe que, se de fato a humanidade se autodestruir, se de fato for este o nosso futuro, as pessoas que estão se suicidando são as pessoas mais sensatas. Para que você vai viver essa “vida de merda” para morrer em seguida? Morre de uma vez. Então, você percebe que a gente vive um momento da história em que olhar para o futuro, a não ser que você tem uma perspectiva revolucionária, quer dizer, você olha para a história e fala: olha esse problemão é real, a humanidade está se autodestruindo, mas tem potência aí dentro – potência é potência de ser e de não ser, lembram? Se tem potência aí dentro, então, tem coisa para ser feita. Mas se você não tem essa ligação com a história, a vida perdeu qualquer sentido, porque nem ganhar dinheiro mais você vai ganhar. É uma calamidade completa.

Anuário Lukács:

É, sem ilusões, mas... São as grandes discussões aqui nos seminários, porque o campo de possibilidades, especialmente o campo das alternativas, já estão postos; digamos, não temos um controle nem garantia do movimento do real. Eu digo: que sorte que não temos o controle nem as garantias, não? Então essa afirmação lukácsiana do campo de possibilidades dá um pouco de respiro *sem* ilusões, sem ilusões. Mas como começar a costurar pelas bordas?

Sergio Lessa:

Olha, eu estou vivendo um momento muito curioso da vida, porque eu me aposentei em 2019, sai da universidade. E, para mim, o que está acontecendo *fora* da Universidade está sendo uma experiência muito rica. Porque a Universidade não tem ideia, *dentro* da Universidade você não tem ideia, é muito interessante. Tem coisa acontecendo no movimento popular, no movimento operário, organizações de esquerda se rearticulando. Não estou dizendo que nós estamos indo para um momento revolucionário, não é isso, tá certo? Mas tem *muita* coisa para fazer. Hoje, eu estou escrevendo, publicando, discutindo, participando de palestra, reunião, e discussão muito mais do que quando eu estava dentro da Universidade, *muito* mais. A vida fora da Universidade, hoje, está muito mais interessante do que dentro da universidade. A gente tem um processo de reestruturação da esquerda que lembra para mim um pouco o que foi 1976 e 1977, sabe? Do nada, de repente, as pessoas começam a confluir mais ou menos para o mesmo lugar, ainda que tenham tradições diferentes, pensem diferente. Se a visão do presente é mais ou menos similar, dá para fazer coisas juntos, sabe? Tem muita coisa interessante acontecendo, coisas muito pequenininhas, muito pontuais e que podem ser destruídas pela história muito rapidamente, mas são coisas muito interessantes. Eu estou muito animado com a militância fora da Universidade, está sendo muito gostoso. Muita gente nova, muita gente séria, fazendo trabalho dentro de fábrica, fazendo trabalho junto do trabalhador mesmo, muita coisa séria acontecendo. Isso não significa que as dificuldades sejam menores, mas, pelo menos, você tem um campo de trabalho em que você pode ajudar mais, você pode se desenvolver mais quando você vê alguma possibilidade futura que não é só uma perspectiva teórica. Não é só uma – digamos – uma projeção teórica. Você vê que as coisas, bem ou mal, estão andando, é muito interessante.

Tem algumas pesquisas que foram feitas na Azaleia e na Fiat, que são duas fábricas na Bahia, sei lá eu, completamente terceirizadas, toyotizadas hiper-pós-industriais. Elas vão para regiões em que você não tem classe operária, formam uma classe operária mais ou menos nova e tal. E aí, ao longo de alguns anos, foram feitos vários estudos lá, tese, mestrado e doutorado. Você vai vendo, ao longo de alguns anos, como as reclamações dos operários vão evoluindo. No começo é assim, ó: a vida é dura, mas é muito melhor do que era antes, que bom que a gente tem um emprego. Agora, começa a ser assim: bom, mas por que a gente ganha menos do que o pessoal que está em São Paulo, do que o pessoal que está em Minas, a gente deveria ganhar igual. Em seguida, começa: pô, por que nosso sindicato é tão ruim? Em São Paulo tem salário porque o sindicato briga, aqui o sindicato não faz nada. Você vê um processo de evolução ainda muito... Percebe? Mas não é uma coisa que está parada e também tem outras coisas nesse sentido acontecendo que são muito impressionantes. Claro, entre isso e ter uma virada de qualidade é um passo gigantesco ainda. Mas a vida fora da Universidade está muito mais interessante, se você puder se aposentar e virar militante, faça, porque é muito mais interessante do que fazer projetos Sucupira, é uma loucura, preencher o Lattes...

Anuário Lukács:

Para finalizar, uma coisa sobre a qual talvez falte falar: você poderia falar para a juventude sobre o porquê estudar e ler Lukács?

Sergio Lessa:

Poderia dizer o porquê de estudar e ler a *Ontologia*, né? Porque o Lukács mesmo, de fato, se for falar do Lukács como todo, eu não conheço. Veja, o que a *Ontologia* tem, eu diria, de absolutamente genial e imprescindível para os nossos dias... Primeiro, é que ela recupera o decisivo do decisivo da concepção de mundo de Marx. Olha, você tem um processo de desenvolvimento da matéria, que começa na matéria inorgânica, que desenvolve para matéria

orgânica, que desenvolve para uma matéria social. O ser social nada mais é do que uma forma superior de organização da matéria. Por causa disso, a forma de reprodução do ser social é fundada pelo trabalho. O trabalho é a categoria que conecta a gente, enquanto matéria, organização superior da matéria, com toda a matéria anterior, com toda a natureza anterior, né? O fato da gente ser um animal biológico obriga a gente a transformar a natureza como todo ser vivo tem que transformar. E o que nos faz seres humanos é que a gente transforma de uma forma muito diferente: a gente transforma teleologicamente, pensando antes, planejando antes de executar. Veja, isso altera tudo, absolutamente tudo. E Lukács demonstra por que altera, e como que altera, todas as articulações que possibilitam que, a partir daí, o ser humano se desenvolva enquanto ser humano. A gente deixa de ser só um processo de desenvolvimento biológico – em que o DNA vai se transformando como acontece na vida e tal – e a gente passa a ser um processo social em que você vai alterando as formas de organização social, porque a gente vai alterando as formas de transformar a natureza no que a gente precisa e assim a gente sai do ser humano primitivo para escravismo, feudalismo, capitalismo etc. Com todas as possibilidades humanas aí no meio: amor, estética, a sensibilidade toda, está certo? Para entender isso, a *Ontologia* é uma coisa absolutamente imprescindível. Não tem em nenhum outro autor no século XX que tenha recuperado essa tese do Marx de que os seres humanos fazem a si próprio, ainda que em circunstâncias que não escolheram, né? E fazem a si próprio como? Assim, ó, pelo trabalho, a categoria fundante é o trabalho; daí sai toda a sociabilidade. Mas isso não significa que você pode reduzir a sociabilidade ao trabalho. O trabalho produz necessidades e possibilidades que o próprio trabalho não pode mais atender: a linguagem, a ciência, a filosofia, a estética, a arte. E o Lukács expõe isso de uma forma incrível, maravilhosa, certo? Então isso é a primeira coisa.

A segunda coisa é que ele faz um balanço da filosofia contemporânea que é extremamente interessante. Toda a primeira parte da *Ontologia* é um balanço da filosofia contemporânea. Ele está discutindo com Heidegger, Sartre, com o existencialismo, com Wittgenstein, com o neopositivismo e com Hegel, né? E é uma discussão que não tem discussão melhor. Eu diria que tem *A Destruição da Razão*, que é uma história da filosofia contemporânea genial. Mas você tem uma discussão do ponto de vista ontológico, que é muito bem articulado, é muito rico, não é? E que está madura na cabeça do Lukács, dá a impressão de que ele está expondo aquilo com uma facilidade...

Agora, tem um enorme problema, que é a ideia de que, para ele, o socialismo já tinha chegado na União Soviética e que, portanto, quando ele vai discutir a ideologia, mas basicamente quando ele vai discutir alienação, ele tem que discutir como é possível superar a alienação nos dias que ele está vivendo. E, portanto, tem que superar as alienações que ele está pensando a partir do modelo soviético, a partir da sociabilidade soviética. E aí começa a ter problemas, porque, veja, você tem o seguinte problema decisivo, que é o que eu estava dizendo para vocês, não é? Que a União Soviética não corrija os seus defeitos, as deformações do socialismo, é porque tem um processo ideológico de manipulação do stalinismo que não possibilita, e do outro lado, tem a manipulação capitalista: então o processo é ideológico. Se é ideológico, não vem da base material, não vem do trabalho, da economia, isso significa que o indivíduo tem uma *enorme* possibilidade de resistir, de superar as alienações individualmente. Como ele vai dizer em um certo momento, a manipulação se dá na esfera da circulação, não se dá na esfera da produção. E isso é um enorme equívoco e introduz problemas na categoria da alienação, começa na ideologia, mas na categoria da alienação introduz problemas. Mesmo em algumas outras passagens, eu diria. Por exemplo, tem um parágrafo muito conhecido da reprodução, logo no comecinho, em que ele introduz a questão da divisão social ou da divisão técnica do trabalho. O fundo dessa discussão é para dizer o seguinte: olha, eu tenho fordismo na União Soviética e nos Estados Unidos – aliás, na União Soviética, o fordismo é mais fordista do que nos Estados

Unidos, o taylorismo é mais intenso do que nos Estados Unidos. Mas ele vai falar: veja, isso porque a técnica requer que seja assim, independentemente de ser socialismo ou capitalismo: vai ser fordista. Então ele vai dizer que você tem uma divisão técnica que é imposta pela técnica e tem uma divisão social que é, bom... A divisão social é que você tenha a exploração do trabalhador pela burguesia, mas o fato de ser fordismo dos dois lados é uma determinação técnica. No começo do parágrafo ele diz: olha, a técnica é assim, a divisão técnica é sempre uma consequência da divisão social. Mas no final do parágrafo, ele vai dizer: com a revolução industrial, começa a primeira divisão social do trabalho autêntica, determinada pela técnica. Veja, como é que a primeira divisão autêntica de trabalho social pode ser determinada pela técnica, se a técnica é sempre uma consequência? E isso está dentro do mesmo parágrafo! Então tem problemas na *Ontologia*, há partes cinzentas que tem a ver com a concepção que Lukács tem. Então, ao mesmo tempo que ele é capaz de recuperar o fundamental de Marx, ele tem que justificar que a União Soviética é socialista, com todas as consequências teóricas que isso traz. Então a obra tem problemas, não é uma obra simples, não é? Mas, eu diria que o decisivo, o que vale a pena de estudar a ontologia para valer, é que ele recupera a concepção de mundo ontológica de Marx, com todas as repercussões metodológicas que isso tem e que são seríssimas, né? Eu acho que é um texto imprescindível. Eu acho que o Mészáros tem uma contribuição absolutamente fundamental. Mas o Mészáros – brincando, porque não é exatamente assim – o Mészáros é cria do Lukács, tá certo? Ele disse para mim e para Cristina várias vezes que sem Lukács ele não teria feito nunca. Teve uma vez que a gente estava em Londres, conversando com ele andando na rua. Aí eu falei: pô, Mészáros, eu fico impressionado como você tem capacidade de olhar para o mundo e agarrar a essência, né? Ele era alto, meio gordo. Deu uma risada: “também, com o mestre que eu tive!” Era isso, né? Eu diria que todas as categorias decisivas que Mészáros utiliza vem do Lukács. Então eu diria que essa duplinha, sabe, é uma duplinha... Mas, de fato, você pegar trabalho, reprodução, ideologia, alienação e fazer um estudo de 4, 5 anos para valer, aquela leitura imanente para valer, você nunca mais consegue dizer as barbaridades que você dizia antes. Você se transforma profundamente. E mais: te joga de cabeça na discussão da transição. Você não está discutindo filosofia, sei lá eu porquê, discutindo filosofia para saber como é que tal pensador fez isso, fez aquilo etc. Você está discutindo o tempo inteiro a questão da transição, o que é a humanidade, como a gente vai sair dessa, como destruir o capital. Então, além disso, é uma obra que, se você entrar para valer, você entra na questão decisiva dos nossos dias, não é? Não é outra coisa.

Fora isso, tem mais uma coisa que para mim é apaixonante. Na *Ontologia*, ele vai discutindo todos os grandes pensadores, então se você for sistematizando mais ou menos o que ele está dizendo, você tem uma história da ontologia escrita ali: olha, Aristóteles foi assim, Platão foi assim, Plotino entra depois, depois você tem isso E depois vem Tomás de Aquino, vem Agostinho... Você tem uma história da ontologia. É linda a história de como a humanidade a cada momento vai explicando a si própria aquilo que a humanidade é. É uma coisa absolutamente encantadora, né? O capítulo do Hegel – que é o único capítulo que ele deixou pronto, que ele pediu para ser publicado antes de sair a *Ontologia*, esse capítulo sai quando ele ainda está vivo – é uma obra-prima. Um capítulo lindo, lindo, lindo. Uma coisa escandalosamente bonita.

Então eu diria para vocês que ler a *Ontologia* é ler uma obra absolutamente decisiva. Eu estou convencido de que é a melhor formação filosófica possível que um jovem revolucionário pode ter hoje é lendo a *Ontologia*, por incrível que pareça. Eu acho que entrar n’*O Capital* nos dias de hoje é muito complicado, porque o conjunto dos comentadores fatiam *O Capital* em pedaços e cada um apresenta um *Capital* que não existe na realidade, né? E por outro lado, porque a realidade esconde a essência de tal forma que, para você pegar uma obra como *O Capital*, você tem que ter uma preparação antes para você entender o que o Marx diz. Se não, fica aquela

coisa de fazer conta mecânica, de fazer conta matemática, sabe, de reduzir todo o movimento do capital a M-D-M' e D-M-D', "isso é não sei o que". Claro, tem isso tudo lá, mas é muito mais do que isso. Eu tenho a impressão que a leitura da *Ontologia* prepara a gente para entender Marx e o mundo em que a gente vive de uma forma muito superior a qualquer outro texto. Mas vocês tão falando com um cara que estuda a *Ontologia* desde, sei lá eu, 1986-1987, está certo? Completamente apaixonado pela obra. Então levem isso em consideração, né? Tome essas palavras com um grão de sal, tá certo? Porque, de fato, eu não sou lá muito imparcial nessas minhas palavras. Mas eu vejo a minha experiência pessoal, o que está acontecendo com as pessoas que estudaram sério e tal: é muito legal.